

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

GABRIEL IOCHPE WAINSTEIN

EMPREITADA TRADUTÓRIA: OS ESCRITOS EM RUSSO DA BISA SÔNIA

Porto Alegre

2018

GABRIEL IOCHPE WAINSTEIN

EMPREITADA TRADUTÓRIA: OS ESCRITOS EM RUSSO DA BISA SÔNIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras Português/Inglês

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Denise Regina de Sales

Porto Alegre

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Wainstein, Gabriel
EMPREITADA TRADUTÓRIA: OS ESCRITOS EM RUSSO DA
BISA SÔNIA / Gabriel Wainstein. -- 2018.
51 f.
Orientadora: Denise Regina Sales.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Letras, Curso de Letras: Tradutor Português e
Inglês, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Empreitada tradutória. 2. Tradução comentada. 3.
Russo. 4. Sônia Wasserstein. 5. Haroldo de Campos. I.
Sales, Denise Regina, orient. II. Título.

GABRIEL IOCHPE WAINSTEIN

EMPREITADA TRADUTÓRIA: OS ESCRITOS EM RUSSO DA BISA SÔNIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras Português/Inglês

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Denise Regina de Sales

Aprovado em Porto Alegre, _____ de _____ de 2018.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Denise Regina de Sales – UFRGS (orientadora)

Prof. Dr. Andrei dos Santos Cunha – UFRGS

Prof.^a Dr.^a Karina de Castilhos Lucena – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Em ordem que me compeza e a cujo acesso somente eu tenho, agradeço aos seguintes:

À Denise por apostar nesta empreitada, encorajar-me em cada passo, acompanhar-me ao longo da caminhada e, quando eu descarrilhava, pôr-me de volta nos trilhos. O meu muito obrigado.

Às primôncias Amanda e Júlia pelo verdadeiro achado, os cadernos.

À Elena e ao Aleksandr, sem os quais a transcrição teria sido difícilima.

À Maria Lúcia pela restauração dos cadernos. Ficaram lindos!

Ao Vini Alces por revisar e esmiuçar esta empreitada. Valeu!

Ao meu primo Mário por me acompanhar de longe e me incentivar a ir mais longe. Te amo.

Aos meus pais, Mendél e Mirela, por tudo.

À gurizada da facul, à Ciça, à Hannah, ao Ícaro, à Jéssica e aos Vinis. Gosto de ocês.

Aos Guris e ao Grupo Estrela. Desses nem se fala.

À Pola e ao Carioca. Desses menos ainda.

E, claro, à Sônia... Quem diria que um dia os teus cadernos seriam traduzidos pelo teu bisneto? Doidera!

“Assim, Leitor, sou eu mesmo a matéria do meu livro [...].”

(MONTAIGNE, 2010, p.9)

RESUMO

Em 2015, entre a bagunça de um escritório, encontraram-se os escritos em russo da Sônia, a minha bisavó; em 2018, aventurei-me na tradução deles. Este/a trabalho/empreitada tradutória visou a evidenciar, a partir de uma tradução comentada, que um tradutor com pouca habilidade linguística do russo é capaz de não só traduzir de uma língua com a qual tem pouco contato como também desenvolver a sua habilidade linguística e a tradutória ao longo do processo tradutório, chegando, de quebra, a uma possível representação de quem a Sônia era. Para a tradução, usaram-se o dicionário eletrônico *Wiktionary*, o guia de referência *Fale Tudo em Russo!* e o site de russo *AlphaDictionary*. Para o aporte teórico, percorreram-se tanto a trilha tradutória de Ezra Pound pelo conjunto de poemas chineses *Cathay* quanto a de Haroldo de Campos pelo poema russo *A Sierguéi Iessiênin*. Para a descrição dos escritos, trouxeram-se não só as minhas memórias da Sônia como também as da minha família. Para a tradução comentada, produziram-se comentários a partir de notas reunidas ao longo do processo tradutório. Como resultado, chegou-se a uma tradução comentada na qual são demonstrados os meus passos em direção à tradução dos escritos, o desenvolvimento da habilidade linguística e da tradutória e a representação de quem a Sônia era.

Palavras-chave: Empreitada tradutória. Tradução comentada. Russo. Sônia Wasserstein. Haroldo de Campos.

ABSTRACT

In 2015, in the mess of an office, the Russian writings of my great-grandmother Sônia were found; in 2018, I ventured into translating them. This paper/translation venture aimed at showing, through an annotated translation, that a translator with low Russian skills can not only translate from a language with which he has little experience, but also develop his language and translation skills during the translation process, arriving at a possible representation of who Sônia was. For the translation, the electronic dictionary *Wiktionary*, the Russian reference book *Fale Tudo em Russo!*, and the website on Russian *AlphaDictionary* were used. For the theoretical framework, both Ezra Pound's path to translating the Chinese poetry collection *Cathay* and Haroldo de Campos' to translating the Russian poem *To Sergei Esenin* were covered. For the description of the writings, not only were my memories of Sônia brought in, but also my family's. For the annotated translation, commentaries were produced based on notes written during the translation process. As a result, an annotated translation was achieved in which the steps toward translating the writings, the development of language and translation skills, and a representation of who Sônia was are demonstrated.

Keywords: Translation venture. Annotated translation. Russian. Sônia Wasserstein. Haroldo de Campos.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Meu irmão, Fábio, a Sônia, eu e a eterna poltrona da Sônia.....	17
Figura 2 – Em Pinsk, a Fanny, o Bernard e a Sônia.....	18
Figura 3 – Os cadernos da bisã Sônia.....	19
Figura 4 – Primeiro trecho do conto do caderno de 189 páginas.....	21
Quadro 1 – Transcrição, transliteração e tradução do primeiro trecho do conto.....	22
Figura 5 – Segundo trecho do conto do caderno de 189 páginas.....	23
Quadro 2 – Transcrição, transliteração e tradução do segundo trecho do conto.....	23
Figura 6 – Terceiro trecho do conto do caderno de 189 páginas.....	25
Quadro 3 – Transcrição, transliteração e tradução do terceiro trecho do conto.....	25
Figura 7 – Quarto trecho do conto do caderno de 189 páginas.....	26
Quadro 4 – Transcrição, transliteração e tradução do quarto trecho do conto.....	27
Figura 8 – Quinto trecho do conto do caderno de 189 páginas.....	28
Quadro 5 – Transcrição, transliteração e tradução do quinto trecho do conto.....	29
Figura 9 – Sexto trecho do conto do caderno de 189 páginas.....	30
Quadro 6 – Transcrição, transliteração e tradução do sexto trecho do conto.....	31
Figura 10 – Sétimo trecho do conto do caderno de 189 páginas.....	32
Quadro 7 – Transcrição, transliteração e tradução do sétimo trecho do conto.....	32
Figura 11 – Oitavo trecho do conto do caderno de 189 páginas.....	33
Quadro 8 – Transcrição, transliteração e tradução do oitavo trecho do conto.....	33
Figura 12 – Nono trecho do conto do caderno de 189 páginas.....	34
Quadro 9 – Transcrição, transliteração e tradução do nono trecho do conto.....	34
Figura 13 – Décimo trecho do conto do caderno de 189 páginas.....	35
Quadro 10 – Transcrição, transliteração e tradução do décimo trecho do conto.....	36
Figura 14 – Parte um do décimo primeiro trecho do conto do caderno de 189 páginas.....	37
Figura 15 – Parte dois do décimo primeiro trecho do conto do caderno de 189 páginas....	37
Quadro 11 – Transcrição, transliteração e tradução do décimo primeiro trecho do conto..	37
Figura 16 – Bella bebê.....	39

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	14
3. DESCRIÇÃO DOS ESCRITOS	17
4. ANÁLISE DOS TRECHOS.....	21
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE A – Notas do processo tradutório	45
APÊNDICE B – Tradução de Gabriel Iochpe Wainstein do conto de Sônia Wasserstein.....	49
ANEXO A – Conto de Sônia Wasserstein	50
ANEXO B – Tabela de Transliteração do Russo para o Português da USP.....	51

1. INTRODUÇÃO

Treze de julho de 2015 – foi esse o dia em que a minha prima Júlia me avisou que, entre a bagunça do escritório da minha avó, tinham encontrado os escritos da Sônia, a nossa bisavó. Eles, no entanto, não estavam em português, mas sim na língua materna da bisavó: o russo. A minha prima, então, sabendo que eu já tinha estudado russo por um ano, veio até a mim para que, juntos, acessássemos o que a nossa antepassada nos deixou e descobríssemos o que ela escrevia e o que ela pensava. Porém, para o seu malgrado, o Gabriel de 2015 acreditava que, devido ao pouco conhecimento que tinha do russo, era incapaz de traduzir as palavras da bisavó Sônia – como se a ele, não detendo uma quantidade mínima da língua russa, faltassem-lhe palavras para enfrentar os escritos, o que impossibilitaria, na sua concepção, a empreitada tradutória. Por isso, tratou de escantear a ideia da tradução para que, logo de cara, não tivesse que se encontrar com a Júlia e os escritos e lhes confessar a incapacidade, e, também, para que essa ideia fosse definitivamente enterrada.

E enterrada ficou até dois de março de 2018, quando, após um almoço desprezioso com a Júlia e a Amanda – irmãs –, fui convidado a ir a casa delas e, lá, apresentado aos escritos. Daí, com eles nas mãos, folheando as dezenas de páginas, tateando por onde já passaram os rabiscos de antes, esquadrinhando a caligrafia atenta e minuciosa da autora, perguntando-me, “O que será que tem aqui?” senti que o que for que estivesse escrito neles continha a(s) memória(s) da minha bisavó Sônia, uma parte da nossa família, uma parte do nosso ser. E desse sentimento nasceu a minha vontade de traduzir o que ela nos deixou.

Esse sentimento, no entanto, deu-se em grande parte por causa das vicissitudes acadêmicas entre 2016 e 2017. Foi aí que tive os primeiros contatos não só com o traduzir, mas também com o pensar sobre a tradução, intercalando a teoria com a prática: das aulas introdutórias à prática da tradução, em que os meus objetivos eram reter a mesmíssima mensagem do texto original e arremedar as intenções do autor, vieram aquelas que sacudiram a minha convicção de que havia uma mensagem e intenções a simular (BARTHES, 2004); daquele Gabriel de 2015 que pensava que traduzir era simplesmente reproduzir mensagens e intenções em outra língua, surgiu um que via na tradução uma atividade intrincada de contingências que – a partir da simples mudança de uma palavra – reconfigura-se, muda e estabelece novas e diferentes ligações, um organismo vivo.

Assim, com essa mudança de perspectiva, desobstruiu-se o caminho para que iniciasse a empreitada tradutória. E, para traçá-la, precisava de algo que me guiasse, um mapa. E um mapa eu criei.

Tracejei, então, o que viria a ser a tradução dos escritos da Sônia, o que somente

aconteceu porque, ao longo do primeiro semestre de 2018, tive que elaborar um projeto de TCC para a cadeira de Leitura e Produção de Texto em Inglês I – ministrada pela professora Ana Fontes –, e, nela, tínhamos que não só escrever todas as partes que compõem um TCC como também perscrutar o trabalho dos outros. Por esse processo, o primeiro esboço tomou forma.

A empreitada, segundo esse projeto, teria três frentes: a primeira seria a transcrição dos escritos; a segunda, a contextualização histórica; e a terceira, enfim, a tradução. Pela transcrição, pretendia tanto decifrar o que estava escrito quanto identificar – a partir de preceitos paleográficos (BERWANGER; LEAL, 2008) – características da escrita da Sônia. Decifrando os escritos, abririam-se as portas ao seu conteúdo; identificando aspectos da escrita, acessariam-se detalhes sobre o material, a data, e até mesmo a origem dos escritos. Pela contextualização histórica, pretendia analisar o conjunto de acontecimentos que circundavam a vida da Sônia, uma judia em um país abertamente antisemita (GANZ, 2002), e as consequências disso na sua escrita. Pela tradução, pretendia me apoiar em teóricos da Teoria do Escopo como Christiane Nord (2006) para tornar os escritos acessíveis ao meu público-alvo, leitores que sabiam pouco ou nada sobre judeus na Rússia.

Com isso, almejava a duas coisas: a tradução dos escritos, mostrando que um tradutor com pouco domínio da língua da qual traduz não o impossibilita de traduzir dessa língua, e a representação de quem a Sônia era, destacando como era a vida dos judeus na Rússia do século XX.

Porém, esse audacioso projeto acabou se restringindo à cadeira que o engendrou – a vontade de estudar os escritos por cada ângulo possível para que nenhum canto fosse deixado para trás se chocou com a execução e desandou. A tradução, que por si só já demandaria bastante trabalho, desembocou na paleografia, na história e na teoria da tradução, caminhos esses possíveis, mas pelos quais não queria enveredar; essa empreitada, mesmo que atendesse às demandas da cadeira, não atendia às minhas. O que eu realmente queria era trilhar o caminho da tradução. E, para readaptar a rota a esse destino, a minha orientadora, a Denise, e eu planejamos um novo trajeto.

Esse trajeto, de novo, partiu de um ponto essencial daquela cadeira, o escrutínio do outro. Daí, ressurgiu a velha incógnita: “Como o Gabriel, com o parco conhecimento que tem do russo, conseguiria traduzir os escritos da Sônia?” já que, “Faltam-lhe palavras para enfrentá-los.” Nisso, o Gabriel de 2018 viu uma oportunidade de responder não só ao colega, mas também ao Gabriel de 2015, uma oportunidade de exhibir que seria por essa falta de palavras, o obstáculo de outrora, que eu enfrentaria os escritos da Sônia.

A empreitada, agora, tomou o seguinte rumo: evidenciar, a partir de uma tradução

comentada, que um tradutor com pouca habilidade linguística do russo é capaz de não só traduzir de uma língua com a qual tem pouco contato como também desenvolver a sua habilidade linguística e a tradutória ao longo do processo tradutório, chegando, de quebra, a uma possível representação de quem a Sônia era.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Com o rumo decidido, o primeiro passo foi ir atrás daqueles que já percorreram caminhos semelhantes ao meu – o de traduzir de uma língua da qual se tem pouco domínio. Justapondo as suas trilhas com a que ia iniciar, sobressairia a maneira pela qual contornaram as suas deficiências linguísticas e alcançaram as suas traduções. Assim, os tradutores-guias que me serviram como pedra de toque foram Ezra Pound e Haroldo de Campos – o primeiro na sua empreitada de traduzir *Cathay*, conjunto de poemas chineses do século II ao XII, e o segundo na sua “investida” (CAMPOS, 2013, p.48) de traduzir o poema *A Sierguéi Iessiênin*, de Maiakovski –, ambos incansáveis na busca por inovações poéticas.

Considerado por John Milton (1998, p. 103) “[...] a figura mais importante no campo da tradução de poesia no mundo de língua inglesa [...] no século XX”, Pound trazia consigo uma vasta bagagem tradutória (desde obras trovadorescas, passando pela elegia *The Seafarer* em inglês antigo, até aos escritos do italiano Cavalcanti) quando, a fins de 1913¹, apareceu-lhe a viúva do orientalista Ernest Fenollosa com as suas anotações sobre literatura japonesa e chinesa². Ela, tendo gostado de alguns poemas de Pound e respeitando o desejo do falecido marido de ter as suas anotações traduzidas literariamente e não filologicamente (XIE, 2005), consignou as anotações ao poeta. Nelas, havia traduções de nós japoneses e de poemas chineses, e foram esses últimos que mais fascinaram Pound, que afirmou ter encontrado “uma nova Grécia na China”³ (ELIOT, 1954, p. 215, apud XIE, 2005, p. 209). Mesmo não sabendo um pingo de chinês, deslumbrou-se com a imagética dos poemas, que criava paisagens que retratavam o diferente, o estrangeiro chinês; e, por isso, munido das traduções de Fenollosa, Pound se aventurou nos poemas, publicando 14 deles, em 1915, no livro *Cathay*. O livro recebeu críticas tanto daqueles que o consideraram infiel ao original e repleto de erros triviais quanto dos que o viram como prova de que se pode traduzir de uma língua sem conhecimento adequado dela (BASILASHVILI, 2018).

Ainda nessa empreitada poundiana, Haroldo de Campos (2013, p. 48) interveio: “[...] não há dúvida de que deste caso-paradigma [o da tradução de *Cathay*] decorre toda uma didática.” Com essas palavras introdutórias a *O texto como produção (Maiakóvski)*, Campos ligou a odisseia poundiana à sua, à de traduzir um poema de uma língua que pouco conhecia, o russo. Encarregando-se de *A Sierguéi Iessiênin* – palavras finais de Maiakovski ao poeta Sergei

¹ Há discordância quanto à data: enquanto John Milton (1998, p.126) afirma que Ezra Pound recebeu as anotações do falecido Fenollosa em 1912, Ming Xie (2005, p.208) defende que foi a fins de 1913.

² Acessando este link <http://brbl-archive.library.yale.edu/exhibitions/orient/mod3.htm>, pode-se ver algumas destas anotações.

³ Traduzi as seguintes palavras em inglês: “a new Greece in China”.

Yesenin e à repercussão do seu suicídio –, ele se debruçou sobre o poema não só com “dicionário e gramática à mão” (CAMPOS, 2013, p.48), mas também com uma tradução do espanhol e outra do alemão; com duas traduções (uma incompleta em francês e outra na íntegra em espanhol) de *Como Fazer Versos?*, estudo em que Maiakovski expõe a sua poética; e, depois de arrematar a sua tradução, com o parecer do russo Boris Schnaiderman. Não obstante o seu “russo engatinhante” (CAMPOS, 2013, p.48), Campos operou uma verdadeira exegese maiakovskiana, traduzindo o poema sob elogios de Schnaiderman (1994, p. 10): “[...] embora ele tivesse estudado até então pouco mais de três meses num curso de iniciação à língua russa, pude dar apenas pouquíssimas sugestões, tal era a qualidade de seu trabalho.”

Tanto Ezra Pound quanto Haroldo de Campos se impuseram a tarefa de traduzir de línguas às quais não eram afeitos, e, mesmo assim, ambos – seja a partir de anotações, seja a partir de gramáticas e dicionários, seja a partir do crivo de especialistas – obtiveram êxito: suplantaram aquilo que lhes faltava, o conhecimento linguístico, pelo que lhes abundava, o conhecimento tradutório, o poético e o artístico.

De maneira semelhante, eu, Gabriel, longe de repetir as façanhas poundianas e as haroldianas porém motivado, e me norteando, por elas, imponho-me a tarefa de traduzir os escritos em russo da minha bisavó. Eu, que, quatro anos atrás, nunca tive qualquer contato com a língua russa; que, desde de 2014, venho a estudando em idas e vindas, contribuindo à minha expertise na dupla “kto” e “êto”⁴, dupla essa geralmente ensinada nas primeiras aulas de russo; e que, há pouco, no segundo semestre de 2018, entrei, pela primeira vez, no meu terceiro semestre consecutivo de aprendizado da língua russa, um verdadeiro feito. É esse mesmo eu que, com gramáticas e dicionários, sob a orientação da Denise e com certa experiência do fazer tradutório, jogo-me nessa empreitada, aspirando pela tradução não só ampliar e burilar o meu conhecimento linguístico e o tradutório como também aprender sobre a Sônia.

Para demonstrar o meu aprendizado por meio da tradução, recorro a dois conceitos: o de tradução pedagógica e o de tradução comentada. Por tradução pedagógica, refiro-me ao exercício pelo qual o aprendiz aplica o seu conhecimento tradutório e o linguístico para traduzir determinado texto, o que, por sua vez, proporciona-lhe situações em que ressaem diferenças gramaticais, lexicais e pragmáticas entre as línguas envolvidas (CORRÊA, 2014). Assim, ajustando esse conceito ao meu caso, a tradução dos escritos do russo para o português vai me propiciar oportunidades não só de praticar o meu saber tradutório e o linguístico, mas também de cotejar pontos de convergência e divergência entre o russo e as línguas às quais acudo, o

⁴ No ANEXO B, encontra-se a tabela com a qual transliterei as palavras em russo.

português e o inglês. Quanto à tradução comentada, tomo-a como:

[...] registro do percurso tradutório do estudante, que deixa transparecer, por seus comentários de tipos diversos, suas dúvidas, suas escolhas iniciais, suas escolhas finais, seus embasamentos teóricos para os gestos cognitivos ou intuitivos, as justificativas das estratégias tomadas e os procedimentos fundamentais que colaboraram para a sua realização. (ZAVAGLIA; RENARD; JANCZUR, 2015, p.349)

Com esses comentários à mão, o leitor vai ter acesso ao meu diário de bordo no qual explico a escolha de uma palavra em vez de outra, o raciocínio para descobrir o sentido de estruturas ou palavras desconhecidas e, quando isso não é o bastante, a longa e tortuosa caminhada a fim de arrancar explicações do russo.

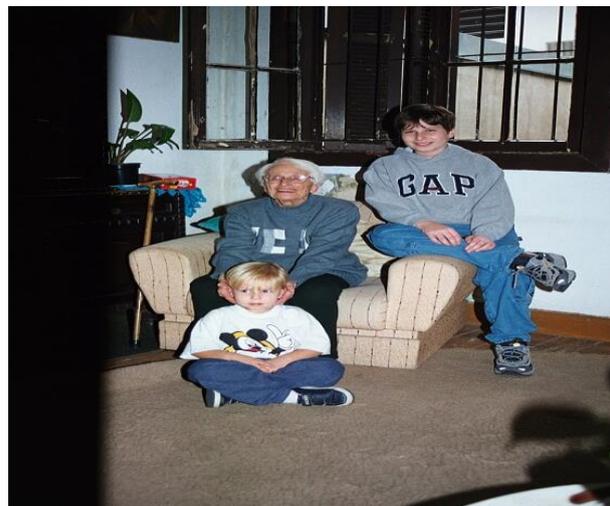
Eis, então, como procede a minha empreitada tradutória.

3. DESCRIÇÃO DOS ESCRITOS

Concluído o primeiro passo – o de coligar trilhas de outros tradutores e colocá-las em contato com a minha –, o caminho, antes sem demarcação, adquiriu forma, mas ainda pedia maior alinhamento quanto ao que ia ser traduzido. Por isso, o segundo e próximo passo foi investigar quem era a Sônia e o que ela nos deixou. À medida que me aprofundasse nesses detalhes, surgiriam aqueles nos quais poderia me amparar na hora da tradução, auxiliando-me com soluções.

Do pouco que a conheci, a memória mais querida que guardo dela é de quando o meu pai, a minha mãe, o meu irmão e eu a visitávamos. Nunca entendia aonde íamos; só entendia quando chegávamos àquele corredor branco que dava para a sala de estar. Lá, esperando quem quer que fosse a visita, estava a bisavó Sônia, reclinada na sua poltrona, confortável. Quando passávamos à sala, e ela identificava quem entrava, ela abria um sorriso, contente. O êxtase vinha quando a cuidadora me alcançava o pianinho da bisavó – era do tamanho da minha mão. Ficava horas tocando aquilo, entretendo-me com cada nota. E, de vez em quando, como não queria atrapalhar a conversa dos mais velhos, olhava para a bisavó como se lhe pedisse permissão para continuar. A reação dela era sempre a mesma: terminava o que tinha a dizer, deixava a outra pessoa falar e, na hora de engatar a próxima história, espiava o bisnetinho com o pianinho na mão, abrindo um sorriso, contente. As visitas, no entanto, que ocorriam com certa frequência, começaram a diminuir e a diminuir até que nunca mais fomos a casa da bisavó – pensei que ela tivesse se mudado e levado o pianinho consigo.

Figura 1 – Meu irmão, Fábio, a Sônia, eu e a eterna poltrona da Sônia



Fonte: Imagem cedida por Mendél Wainstein

Só mais tarde descobri, pelas histórias do meu pai, que a Sônia veio de um país diferente do nosso. Ela não nasceu no Brasil, mas sim na Rússia, numa cidadezinha chamada Pinsk⁵. E ela não foi a única da família que veio de lá: ainda havia o Bernard e a Fanny, irmãos da bisa. Eles, embora viessem do mesmo lugar, tiveram destinos diferentes.

Figura 2 – Em Pinsk, a Fanny, o Bernard e a Sônia



Fonte: Imagem cedida por Helen Grad

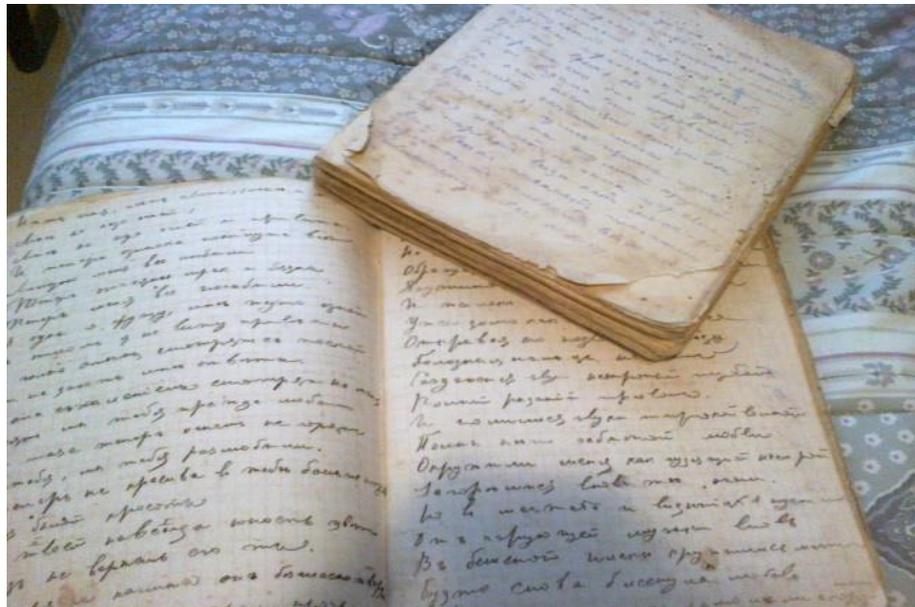
A primeira encruzilhada chegou pela ocupação polonesa: o Bernard, por ser homem e jovem, tinha que se apresentar ao exército polonês. A fim de fugir do alistamento, partiu para Danzig, atual Gdansk, onde ficou até descobrir que o seu nome estava na lista de deportação dos nazistas, o que o forçou a imigrar como clandestino em um navio para a Inglaterra. Ainda no continente, as irmãs, apreensivas com a escalada de tensão em Pinsk, abandonaram a cidade natal. Em um navio zarpando da Antuérpia, chegaram ao Brasil, onde ocorreu a segunda e última encruzilhada: a Fanny, com gosto pelo novo e diferente, fixou-se no Rio de Janeiro; a Sônia, mais conservadora porém não menos moderna, foi-se para a pacata Porto Alegre. Os irmãos somente se reencontraram no fim dos anos 70, quando o Bernard, então residente do Canadá, veio ao Brasil por meio da Cruz Vermelha. Ansiosos, o meu avô, a minha avó, o meu pai e a bisa aguardaram a chegada do Bernard e da sua mulher, Sarah, no terminal antigo do Aeroporto Salgado Filho. O momento em que os dois se reencontraram continua vivo na mente do meu pai, como se gravado na memória: a Sônia, quando avistou o irmão mais velho pela

⁵ Pinsk é uma cidade que hoje pertence à Bielorrússia, mas já pertenceu à Rússia e à Polônia. Em 1921, após a Guerra Polonesa-Soviética, a Rússia a entregou à Polônia.

divisória de vidro, pôs-se a correr, ignorou o aviso de entrada proibida à área de desembarque, ultrapassou o guardinha que fazia a vigia – pouco preocupado com os riscos que a velhinha apresentava à segurança nacional – e partiu para o abraço, abraço que não dava desde a primeira encruzilhada. A família, então, dirigiu-se a casa da minha avó, onde o casal se hospedaria.

Trinta anos mais tarde, naquela mesma casa, a então anfitriã se deparou, enquanto fazia a faxina, com os escritos que a sua mãe, Sônia, trouxera da Europa. Eram dois cadernos manuscritos, um com 189 páginas e outro com 372, os quais passaram às mãos da terceira geração.

Figura 3 – Os cadernos da bisa Sônia



Fonte: Imagem cedida por Júlia Sokolovsky

Comprometidos a preservar o legado da antepassada, confiaram as obras aos serviços de restauração a fim de verificar o estado delas. Em que pesassem os longos anos no recôndito, estavam bem conservadas; o que realmente pesava eram dois obstáculos: a língua e o conteúdo. Sem saber russo, como poderíamos ler o que ela nos deixou? Sem poder ler os cadernos, como saberíamos o legado escrito da bisa? Desses questionamentos, surgiram formas de contornar tais obstáculos. Para a língua, um dos bisnetos decidiu se aventurar no russo para que todos desfrutassem das palavras da bisa; quanto ao conteúdo, baseou-se nas histórias que lhes contavam para interpretar o que lia: em vez de lutar até o fim pela verdade inequívoca, ajustou-se às lacunas da escrita da Sônia. A indeterminação que permeava todos os escritos dela não estorvaria o seu caminho, senão o guiaria. Ligadas a essa indeterminação, as tendências

literárias da bisavó – ávida leitora de Dostoiévski, Gógol, Tolstói e Turguêniev, quando vivia na Rússia, e de Agatha Christie, Sidney Sheldon e Isaac Asimov, já em solo brasileiro – serviriam-lhe como inspiração na hora de traduzir os seus escritos.

Assim, foram esses dois pontos que orientaram a sua bússola tradutória.

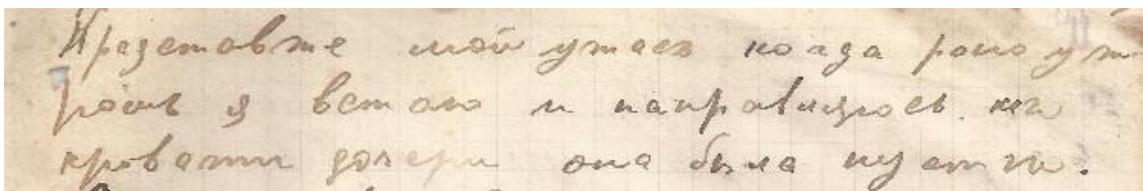
4. ANÁLISE DOS TRECHOS

Agora, despertado o meu desejo de traduzir os escritos da Sônia, exploradas tanto as trilhas poundianas quanto as haroldianas e criada a minha bússola tradutória, restava-me a tradução dos cadernos. Para tanto, precisava de um modelo de tradução comentada que me possibilitasse não só retratar a minha trajetória como também apresentá-la ao leitor. Em busca disso, revisei, então, *O texto como produção* (Maiakóvski), de Haroldo de Campos, no qual ele pormenoriza os seus passos para chegar à tradução do poema *A Sierguéi Iessiênin*. Apropriando-me desse modelo, procurei pormenorizar os meus: a partir da síntese de notas reunidas ao longo do processo tradutório⁶, produziria comentários pelos quais o leitor visualizasse a minha caminhada até a tradução.

Com o primeiro caderno, o de 189 páginas, restaurado e digitalizado, traduzi as primeiras quatro páginas transcritas⁷: nas primeiras três, há um conto; nas últimas duas, um poema. Como o primeiro suscita mais discussão do que o segundo, restringi esta tradução comentada ao primeiro, ao conto.

Nele, a personagem-narradora se depara com o sumiço da sua filha. Desconhecendo o paradeiro da garota, os vizinhos da aldeia pouco contribuem à busca senão com lamento e pena. Eis que aparece uma amiga que diz saber o que aconteceu: quando a garota ia a casa da amiga, ela acabou se aproximando de um monge que se hospedara lá. Com o tempo e as visitas recorrentes, a fala religiosa do monge alicia a jovem às causas doutrinárias. E, sem avisar aos pais, ela foge com ele.

Figura 4 – Primeiro trecho do conto do caderno de 189 páginas



Fonte: Própria

⁶ No APÊNDICE A, encontram-se as notas em que me baseei para esta análise.

⁷ Mesmo a Denise e eu havendo tentado transcrever os cadernos sozinhos, tivemos que pedir ajuda de dois falantes nativos de russo, a Elena e o Aleksandr, para decifrar a caligrafia da Sônia.

Quadro 1 – Transcrição, transliteração e tradução do primeiro trecho do conto

Transcrição em russo	Transliteração	Tradução em português
Представьте мой ужас, когда я утром рано встаю и направляюсь к кровати дочери она была пустой.	Predstáv'te mói újas, kogdá iá útrom ráno vstaiú i napravliáius' k krováti dócheri oná býla pustói.	Imaginem o meu horror quando me levanto cedo de manhã, me dirijo à cama da minha filha e, sobre ela, nada.

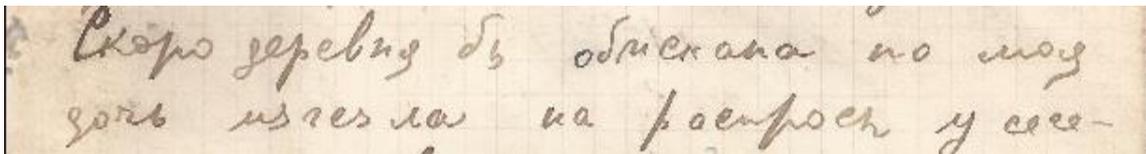
Fonte: Própria

Mal iniciei a caminhada tradutória, esbarrei na primeira pedra: “Predstáv'te”. Analisando-a, deduzi, pela terminação em “te”, que era um verbo na segunda pessoa do plural do imperativo que podia se referir a uma ou mais pessoas. Isso se dá pela peculiaridade do pronome pessoal da segunda pessoa do plural, “vy”, que – dependendo da situação – biparte-se em singular e plural: caso, por exemplo, estivesse falando com um estranho e quisesse me dirigir a ele, usaria o pronome “vy” maiúsculo no lugar do pronome da segunda pessoa do singular, “ty”, devido à formalidade; agora, se estivesse falando com mais de uma pessoa – sejam elas estranhas ou não – e quisesse me dirigir a elas, usaria o “vy” minúsculo. Em ambos os casos, conjugaria os verbos da mesma forma. Contudo, mesmo a par dessa peculiaridade, o porquê de a pedra estar ali continuava uma incógnita. Por isso, vindo em meu socorro, despontou o utilíssimo dicionário eletrônico *Wiktionary*, do qual, como se verá ao longo da minha caminhada, vali-me ante várias dúvidas semânticas. Entre os possíveis significados de “Predstáv'te” como “apresentar”, “mostrar”, “introduzir” e “imaginar”, era o quarto que se encaixava com os elementos “mói újas” (traduzidos como “o meu horror”), pois a personagem-narradora, prestes a contar algo ao leitor, recorre a uma fórmula que o põe no lugar dela para que sinta o que sofreu. Assim, da então pedra, veio o verbo “imaginar”, mas ainda faltava decidir se o empregaria no singular ou no plural, ao que respondi com o seguinte: quando a minha família narra histórias, não há somente um interlocutor, senão vários. Portanto, ei-lo: “imaginem”.

Seguindo a caminhada, acerquei-me do primeiro ponto em que contemplei criar um caminho diferente do original com o intuito de acrescentá-lo ao já existente. O ponto a que me refiro é quando a personagem-narradora, ao se aproximar de onde a filha dorme, percebe que a sua cama está vazia e a sua filha, perdida. No original, é somente isso que transparece. A cama, por estar vazia, indica que alguém está ausente; quem geralmente dorme nessa cama é a filha; portanto, esse alguém que está ausente é nada mais, nada menos que a filha da personagem-

narradora. Agora, na tradução, não é somente isso que transparece. Não. Quando a personagem-narradora vai ao encontro da cama da filha, ela encontra nada – nada sobre a cama, nada sobre a filha. Não há nada. Mas nada de quê? Não há ninguém sobre a cama? Não se sabe nem se fala sobre a filha? Não sei. Ninguém sabe. E ninguém pode saber. A partir do momento em que acrescentei a preposição “sobre” mais o pronome pessoal “ela” mais o pronome indefinido “nada”, imbuí no texto o indeterminado, o indefinido, aquilo que está presente, mas ao mesmo tempo não. Foi esse indefinido que me guiou a uma miríade de caminhos de onde havia somente um. Portanto, foi naquele ponto que vi a oportunidade de distorcer, expandir e remodelar o caminho que aparentava reto e sem deslizos em um pelo qual não só o leitor como também o conto caíssem na infinitude do indeterminado.

Figura 5 – Segundo trecho do conto do caderno de 189 páginas



Fonte: Própria

Quadro 2 – Transcrição, transliteração e tradução do segundo trecho do conto

Transcrição do russo	Transliteração	Tradução em português
Скоро деревня была обыскана, но моя дочь исчезла.	Skóro derévnia býla obýskana, no moiá doch' istchézla.	De pronto a aldeia foi vasculhada, mas a minha filha se foi.

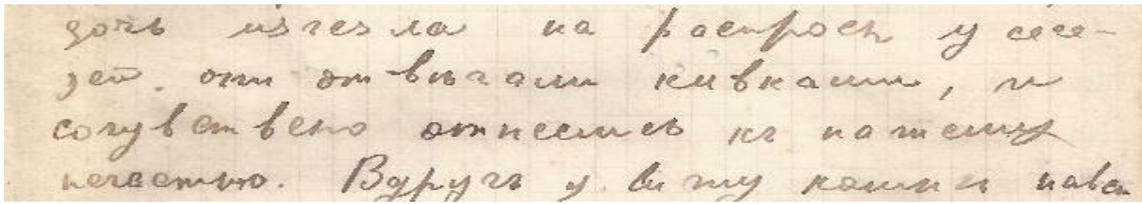
Fonte: Própria

Brilhando porém não ofuscando o meu caminho, jazia a próxima pedra: “obýskana”. Acorri, diante da minha ignorância semântica, ao *Wiktionary*, que me propôs a entrada do verbo “obýskat”. Afobado, obedeci à indicação sem examiná-la e recebi as seguintes definições: “procurar”, “inspecionar” e “investigar”. Satisfeito, tratei de achar uma forma de integrá-la aos elementos “Skóro derévnia býla” (traduzidos como “de pronto a aldeia foi”). Mesmo incerto sobre a terminação em “na”, contive-me e transformei o verbo na expressão “em busca dela”, que para todos os efeitos se adequava tanto às definições propostas quanto aos elementos precedentes. Assim, repondo a pedra onde estava, notei que ela – agora esmaecida pós-transformação – brilhava bem menos, mas ainda brilhava. Intrigado, tentei compreender por que continuava a brilhar até que percebi que sozinho não o conseguiria. Foi aí que chamei a

minha orientadora, a Denise. Apontando-lhe a fonte de luz, detalhei os passos que tomei até chegar à solução. Enquanto me escutava, balançava a cabeça, pensativa. Com o relato feito, ela foi certa: ““Obýskana, Gabriel, é a forma curta do particípio adjetival passivo passado... Uma possível solução seria ‘vasculhada’.” Impressionado com a naturalidade da resposta e de acordo com a solução, fui atrás do dito particípio encurtado. Dessa vez, quem me socorreu não foi o *Wiktionary*, mas sim o guia de referência *Fale Tudo em Russo!*, de Ekaterina Vólkova Américo e Gláucia Roberta Rocha Fernandes. Nele, consta a seguinte explicação: “O particípio adjetival passivo modifica substantivos. Eles são formados de verbos [...] que, por sua vez, **descrevem a ação sofrida pelo substantivo**. Eles podem estar no tempo presente ou **passado** (AMÉRICO; FERNANDES, 2013, p.255, grifo meu). Abaixo dessa explicação, demonstra-se a formação de tais particípios por meio das terminações “n”, “nn”, “iónn” ou “t”, acrescidas das terminações de adjetivo (“ýi”, masculina, “áia”, feminina, “óie”, neutra, e “ýie”, plural). E, por fim, afirma-se que esses particípios podem estar na forma curta, o que acarreta a remoção ou diminuição da terminação de adjetivo: enquanto a masculina desaparece, as outras três perdem a última letra. Portanto, à medida que tais detalhes se elucidavam, o brilho da pedra, que outrora cintilava, foi diminuindo e diminuindo até que, enfim, apagou.

Com a certeza de que este trecho estava concluído, arrumei os meus apetrechos para seguir adiante. Porém, ao checar a minha bússola, reparei que indicava um caminho diferente do mapa. Passara, para a minha surpresa, por outro ponto que podia reestruturar. Então, mudando a rota, fui para lá. O ponto em questão é quando a personagem-narradora, apesar dos esforços para localizar a sua filha, confirma o seu desaparecimento. Aqui, é o verbo “istchézla” que não deixa dúvidas interpretativas. Segundo o companheiro *Wiktionary*, o verbo “istchézla” significa “desaparecer”, e foi exatamente isso o que aconteceu: a filha desapareceu. No entanto, orientado pela bússola, e perante terreno propício a mudanças, resolvi deixar a dúvida entrar. Assim, desbravando onde havia mata, ergui um novo caminho. A confirmação de antes passou à imprecisão: a filha, sim, poderia ter desaparecido da aldeia, mas também poderia, na pior das hipóteses, ter ido para sempre dali. Desde a simples fuga, atravessando o possível epitáfio, até o afastamento familiar, o novo caminho obedecia aos meus pontos cardeais: a indeterminação e as tendências literárias. O primeiro porque estendia e, ao mesmo tempo, obnubilava o campo interpretativo, e o segundo porque subvertia os acontecimentos subsequentes. Portanto, plantada a dúvida, engrandeceu-se o caminho.

Figura 6 – Terceiro trecho do conto do caderno de 189 páginas



Fonte: Própria

Quadro 3 – Transcrição, transliteração e tradução do terceiro trecho do conto

Transcrição do russo	Transliteração	Tradução em português
На расспросы у соседей они отвечали кивками, и сочувственно отнеслись к нашему несчастью.	Na rassprósy u sosédei oní otvecháli kivkámí, i sotchúvstvenno otneslís' k náshemu nestchást'iu.	Ao questionamento aos vizinhos, respondiam com acenos de cabeça, compadecendo-se do nosso infortúnio.

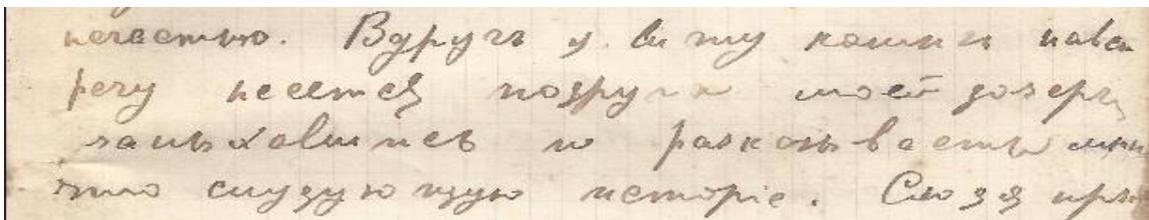
Fonte: Própria

Adiante, entrevi uma ramagem densa bloqueando a minha passagem. Então, preparando-me para o confronto, saquei a minha machete e me meti mata adentro. Como já conhecia o que estava retalhando – a preposição “u” –, pensei que, em pouco tempo, chegaria ao outro lado. Entretanto, o tempo passava e o outro lado não chegava. A cada facada desferida, entranhava-me mais pela mata e me distanciava do meu destino. Estava, sem dúvida, perdido. Logo, para me ajudar a achar a saída, chamei a Denise. Retraçando os meus passos, contei-lhe que, ao reconhecer a preposição “u”, irrompi pela senda já andada. Em todos os encontros que tive com essa preposição até então, ela sempre indicava a quem algo pertencia, pois, em russo, geralmente se usa a expressão “u” mais um substantivo no caso genitivo mais o verbo “byt” no presente – “iést” – mais um substantivo no caso nominativo (em que “u” significa, literalmente, “junto a algo ou alguém”) para demonstrar posse. Assim, na pergunta “chto u vas iést” (na qual “chto” significa “que”), poderia traduzi-la não só como “o que você tem?”, mas também como “junto a você há o quê?”. Com toda essa explicação, raciocinei que, no segmento “Na rassprósy u sosédei” (traduzido inicialmente como “Ao questionamento dos vizinhos”), a preposição “u” desempenhava a função de posse do elemento no genitivo, “sosédei”. Escutando-me até o final, a Denise declarou: “Realmente, Gabriel, é um bom raciocínio, mas, nesse caso, a preposição ‘u’ é argumento do substantivo ‘rassprósy’ (‘questionamento’); por isso, em vez de ‘Ao questionamento dos vizinhos’, a tradução seria ‘Ao questionamento aos vizinhos’.” Embasbacado com a simplicidade da resposta, tomei nota do argumento e, alterando

“dos” por “aos”, encontrei a saída da mata.

Ainda me limpando das folhas e galhos, avistei uma pedra cuja composição não me era estranha – embora nunca a tivesse visto antes, conseguia discernir as partes que a formavam. Por isso, antes de consultar o *Wiktionary*, e para pôr a minha habilidade identificadora à prova, intentei alcançar o seu significado sozinho. Reparti a pedra “sotchúvstvenno” em três partes: “so”, “tchúvstvo” e “no”. Em seguida, esmiucei cada uma delas: a preposição “so”, variante de “s”, significa “com”; o substantivo “tchúvstvo”, “sentido”, “emoção” ou “sentimento”; ao passo que o sufixo “no” produz advérbios. Por último, amalgamei-as: “com” mais “sentimento” mais “mente” equivale à locução adverbial “com compaixão”. Assim, identificada a palavra, comparei-a com a definição do *Wiktionary*, e lá estava “compassivamente”. Feliz com a minha conquista, juntei-a com o verbo subsequente, “otneslís”, (algo como “tratar”) e obtive o resultado “compadeciam”, que virou, por fim, o gerúndio “compadecendo-se”. Confiante de que mais nada se interporia no meu caminho, estufei o peito e me dirigi ao próximo trecho. Porém, à beira deste, repousava a inofensiva pedra “nestchást’iu”. Já contando vitória, prossegui com o mesmo procedimento de antes. Primeiro, cortei-a em duas partes: “ne” e “stchást’iu”. Segundo, escarafunchei-as: “ne” significa “não” e “stchást’iu”, “felicidade”. Terceiro, somei-as: “não” mais “felicidade” é igual à “infelicidade”. Portanto, tudo me levou a crer que “infelicidade” era a tradução mais apropriada e alinhada às tendências literárias da bisa Sônia. Entretanto, o *Wiktionary* me provou o contrário: “infelicidade”, de fato, é uma possível tradução de “nestchást’iu” logo após, é claro, de “infortúnio”. “O que leria mais literário a Sônia, ‘infelicidade’ ou ‘infortúnio’?” Tendendo à segunda solução, anuí e desinfelei o peito.

Figura 7 – Quarto trecho do conto do caderno de 189 páginas



Fonte: Própria

Quadro 4 – Transcrição, transliteração e tradução do quarto trecho do conto

Transcrição do russo	Transliteração	Tradução em português
Вдруг я вижу ко мне навстрéчу несется подруга моей дочери, запыхавшись и что рассказывает мне следующую историю.	Vdrug ia víju ko mne navstréchu nesiótsia podrúga moéi dócheri, zapykhávshis' i chto rasskázyvaet mne sléduiuchtchuiu istóriiu.	De repente avisto a amiga da minha filha correndo na minha direção, e, ofegante, me conta a seguinte história.

Fonte: Própria

Ao me recompor da queda, respirei fundo e rumei, enfim, ao próximo trecho. Conforme avançava, observava que cada direção que tomava me levava a um fim sem saída: à direita, uma parede; à esquerda, um paredão; para atrás, um muro; para frente, uma muralha. Ao que tudo indicava, estava dentro de um labirinto frasal: “ia víju ko mne navstréchu nesiótsia podrúga moéi dócheri”. Sem escapatória, cogitei em berrar o mais alto possível para que a Denise me tirasse daquela enrascada. Porém, dando-me conta de que, sim, havia um jeito de sair dali sem rasgar as minhas cordas vocais, resolvi guardar o grito para outra ocasião. Despertei, então, um dos primeiros conselhos da minha orientadora: “Caso me perdesse na ordem sintática russa, deveria, para retomar o rumo, ir atrás do sujeito, verbo e objeto.” E foi isso que fiz. De início, procurei os elementos que caíam na categoria sujeito. Para tanto, bastava-me localizar aqueles que estavam no caso nominativo (caso pelo qual geralmente se indica o sujeito). Entre eles, havia dois: “ia”, pronome pessoal da primeira pessoa do singular, (vulgo “eu”) e “podrúga” (“amiga”). Descobertos os sujeitos, revelaram-se os verbos: “víju” (“ver”), conjugado na primeira pessoa do singular, e “nesiótsia” (“disparar”, “lançar-se” ou “correr”), conjugado na terceira pessoa do singular. Conectando os sujeitos com os verbos, obtive “eu vejo” e “a amiga correu”. Daí, seguiu-se a parte de identificação de objeto: enquanto o verbo “ver” é transitivo direto, pois quem vê vê algo ou alguém, o verbo “correr” é intransitivo, pois quem corre, ora, corre. Dessa transitividade, inferi que a personagem-narradora viu a amiga correndo, ou melhor – como o *Wiktionary* me explicou –, correndo na sua direção (“ko mne navstréchu”). Portanto, reordenando a ordem sintática do original para a ordem canônica do português de sujeito mais verbo mais objeto, cheguei à seguinte tradução: “avisto a amiga da minha filha correndo na minha direção”. Assim, desvendado o labirinto, achei a saída com fim.

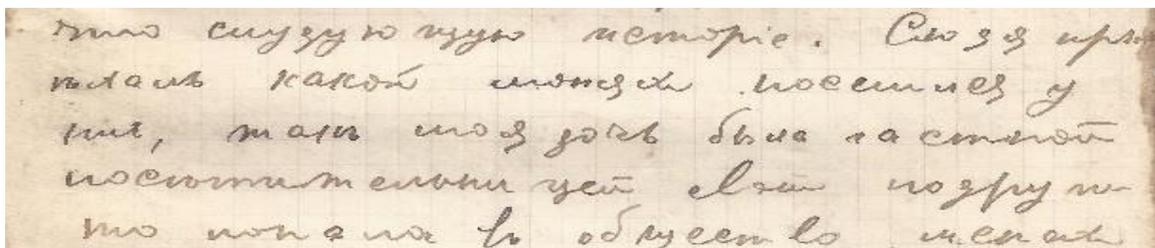
Ao longe, um fulgor semelhante ao do segundo trecho encontrou a luz dos meus olhos. Reconhecendo-o, soube que o seu emissor abrigava conhecimento. Então, sem vacilar, fui ao seu encontro. Dessa vez, a pedra era a palavra “zapykhávshis'”, e – à diferença da abordagem

com “obýskana” – não menosprezei as indicações do *Wiktionary*, mas sim as usei a meu favor. Segundo elas, “zapykhávshis” é o verbo “zapykhát’sia” (“ofegar” ou “bufar”) no gerúndio passado. Por ter pouquíssima experiência com – e para destrinchar – essa forma verbal, apoiei-me no *Fale Tudo em Russo!* Ele explica que:

O gerúndio passado pode ser formado de verbos imperfectivos ou perfectivos, sendo que o último é muito mais comum. Assim como o gerúndio presente não indica tempo presente, o **gerúndio passado** não indica ação passada, mas **mostra que uma ação (gerúndio) ocorre antes da ação do verbo principal**. A ideia pode ser de passado, presente ou futuro. (AMÉRICO; FERNANDES, 2013, p.261, grifo meu).

Quanto à terminação, adverte que existem três: “v”, “chi” e “vchi”. E quando o verbo possui a partícula reflexiva “sia” na raiz, alerta que ela sempre cambia para “s”. Entendendo o seu uso e sua formação, busquei o verbo com que o gerúndio passado “zapykhávshis” se relaciona. Ao analisar o trecho no original, destacaram-se três verbos: “víju”, “nesiótsia” e “rasskázývaet”. O verbo “víju”, como se viu na fuga do labirinto, é transitivo, o que faz com que uma oração subordinada – da qual o verbo “nesiótsia” faz parte – satisfaça essa transitividade. Portanto, “víju” encabeça uma oração principal; “nesiótsia”, uma oração reduzida de gerúndio. Agora, o verbo “rasskázývaet” (“contar”) se separa deles pela conjunção “i” (o nosso “e”) – conjunção essa que inicia uma oração coordenada: “chto rasskázývaet mne sléduiuchtchuiu istóriiu” (traduzida literalmente como “e me conta a seguinte história”). Assim, de duas, uma: “zapykhávshis” se relaciona ou com “víju” ou com “rasskázývaet”. Caso escolhesse a primeira, é a personagem-narradora quem ofegava; se optasse pela segunda, é quem conta a história que bufava. Contrapondo-as, parecia-me mais razoável que a amiga, que vem correndo, estivesse ofegante. Feito o raciocínio, fiquei com a segunda opção, e – assim que a escolhi – apagou-se a luz da pedra.

Figura 8 – Quinto trecho do conto do caderno de 189 páginas



Fonte: Própria

Quadro 5 – Transcrição, transliteração e tradução do quinto trecho do conto

Transcrição do russo	Transliteração	Tradução em português
Сюда приехал какой-то монах поселился у них, так моя дочь была частой посетительницей своей подруги, то попала в общество монаха.	Siudá priéhal kakói-to monáh poselílsia u nih, tak moiá doch' býla tchastói posetítel'nitsei svoéi podrúgi, to popála v obchtchéstvo monáha.	Um tal monge chegou aqui para se alojar com eles; daí a minha filha, visitante frequente que era, acabou por conhecê-lo.

Fonte: Própria

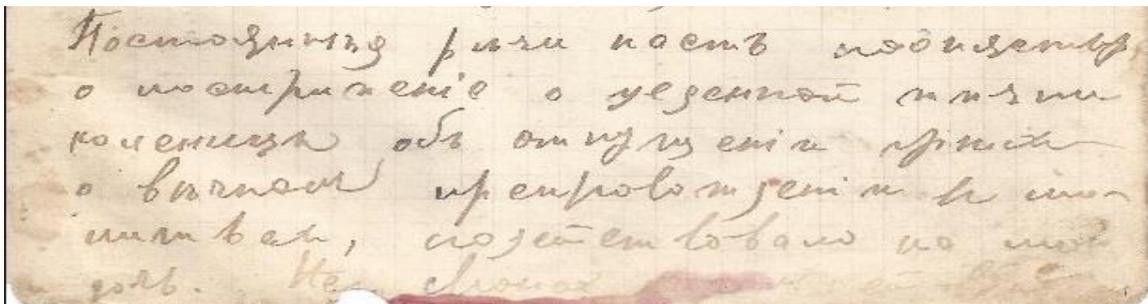
Não tropeçando em nenhuma pedra, nem me embrenhando em nenhuma mata, tampouco me perdendo em nenhum labirinto, estranhei, ao percorrer este trecho, que nada impediu a minha passagem. Então, para me assegurar da sua simplicidade, encaminhei-o ao exame do *Google Tradutor*. Cotejando ambas as traduções – a minha e a da máquina –, saltou-me à vista a preposição “para” perante o verbo no passado “poselílsia” (“hospedar-se” ou “alojar-se”). Incompreendendo por que a máquina a introduzira, supus que ela enxergava uma nuance onde não a via. Assim, satisfeito com a sua solução e determinado a aguçar a minha visão, investiguei o verbo “poselílsia” em busca de pistas. A primeira que me deu foi que ele está no aspecto perfectivo; por isso, disse ele, acentua o término da ação de se hospedar. Balançando a cabeça como se tal aspecto não estivesse além da minha compreensão, dispensei o interrogado. Cabia-me, daí em diante, averiguar esse aspecto. Para isso, o *Fale Tudo em Russo!* me assistiu: “O verbo [no passado] geralmente é usado no perfectivo para: 1. Uma ação que ocorreu no passado, com ênfase em seu término ou resultado” (AMÉRICO; FERNANDES, 2013, p.244). Apreendida a nuance, retornei aonde ela estava e me concentrei para vê-la. Porém, onde antes havia uma trilha de chão batido apareceu um enorme buraco, um buraco a ser preenchido. E, para preenchê-lo, precisava de pistas que nem o *Wiktionary* nem o *Fale Tudo em Russo!* podiam me fornecer; precisava, portanto, de um material de referência que me as fornecesse, e encontrei esse material no site *AlphaDictionary*, de Robert Beard, em que ele detalha desde o alfabeto cirílico e a fonética russa até o uso de cada caso e a ordem sintática russa – tudo com uma pitada de ironia. Perambulando as dezenas de seções do site, dei com aquela cujo título correspondia ao que estava à procura: Aspecto Verbal. Nela, Beard explica que:

O sistema verbal russo se difere do de outras línguas europeias por uma característica importante; ele se baseia principalmente na distinção aspectual (se a ação foi ou será completada) em vez da temporal (se a ação ocorreu no passado, ocorre no presente ou

ocorrerá no futuro). Aspecto é uma categoria verbal que distingue ações que são completadas uma vez com sucesso daquelas que não são. Ações completadas uma vez com sucesso são chamadas de **perfectivas**, da palavra latina *perfectus*, que significa “completo”. Aquelas que não são completadas uma vez com sucesso podem estar tanto (a) em andamento (logo não completadas) quanto (b) em repetição (logo realizadas mais de uma vez). Essas ações são chamadas de imperfectivas (adivinha o que a palavra *imperfectus* significa). (BEARD, [201-])⁸

Para ilustrar essa distinção aspectual, ele traz exemplos concretos da língua russa. Entre eles, estão os pares verbais “sdat” e “sdavát” (o primeiro, perfectivo; o segundo, imperfectivo) e “spactí” e “spasát” (idem). O primeiro par abarca o significado de prestar e passar em uma prova: se, como Beard propõe, o Vanya fez uma prova e passou nela, usa-se o perfectivo no passado “sdal” para representar conclusão com sucesso; agora, se o mesmo Vanya fez outra prova e, dessa vez, não passou nela, usa-se o imperfectivo no passado “sdavál” para representar conclusão sem sucesso. Em ambas as situações, o Vanya prestou e concluiu uma prova, mas – somente em uma delas – ele prestou e passou. O segundo par compartilha o significado de resgatar: se, em outra situação hipotética de Beard, a Varya viu um gurizinho cair no rio Moika, em São Petersburgo, e se jogou para salvá-lo, pode-se usar tanto o perfectivo “spásla” quanto o imperfectivo “spasála” para descrever o resultado da ação: se a Varya se jogou na água e conseguiu resgatar o gurizinho, usa-se o perfectivo no passado “spásla”; porém, se a Varya se jogou na água e não conseguiu resgatá-lo, usa-se o imperfectivo no passado “spasála”. Nas duas situações, a Varya foi ao resgate do gurizinho: na primeira, triunfou; na segunda, fracassou. Agora, munido de tais pistas, regresssei aonde estava a nuance. Porém, onde antes havia um enorme buraco a ser preenchido se soterrou de terra e se erigiu uma estrada.

Figura 9 – Sexto trecho do conto do caderno de 189 páginas



Fonte: Própria

⁸ Traduzi as seguintes palavras de Beard: “The Russian verbal system differs from that of other European languages in one important way: it is built primarily on the distinction of aspect (whether the action has been or will be completed) rather than tense (whether the action occurred in the past, present, or will occur in the future). Aspect is a verbal category that distinguishes between actions which are successfully completed once and those which are not. Actions successfully completed once are called perfective, from the Latin word *perfectus* which means 'completed'. Those not successfully completed once may be either (a) in progress (hence not completed) or (b) repeated (hence carried out more than once). These actions are called 'imperfective' (guess what Latin *imperfectus* means).”

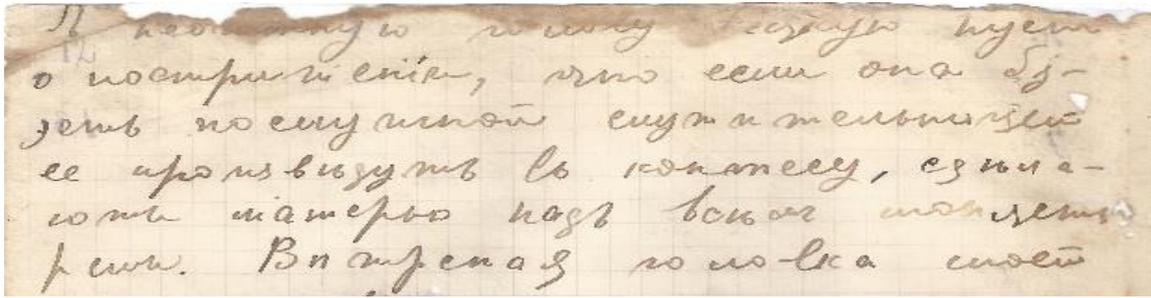
Quadro 6 – Transcrição, transliteração e tradução do sexto trecho do conto

Transcrição do russo	Transliteração	Tradução em português
Постоянные речи... о пострижении о уединенной жизни... об отпущении грехов о вечном препровождении в молитвах действовали на мою дочь...	Postoiánnie rétchi... o postríjenii o uediniónnoi jízni... ob otpuchtchéni grehóv o vétchnom preprovdénii v molítvah podéistvovali na moiú doch'...	Discursos constantes... sobre a tonsura, sobre a vida isolada... sobre a remissão de pecados, sobre o eterno acompanhamento... Eles influenciaram, pelas rezas, a minha filha...

Fonte: Própria

Após vencer o trecho mais esburacado da caminhada, desacelerei o passo, baixei a guarda e aproveitei o passeio. À medida que andava, figuras religiosas começaram a espreitar o meu caminho. O tranquilo passeio se converteu em ferrenha peregrinação: sectários impregnados de dogmas religiosos se achegavam repetindo *ad nauseam* as virtudes da tonsura (“postríjenii”) – corte de cabelo que todos esbanjavam –, da reclusão (“uediniónnoi jízni”), do perdão (“otpuchtchéni grehóv”), do acompanhamento *ad aeternum* (“vétchnom preprovdénii”)... E eu, em resposta, corri. Uma vez desvencilhando-me deles, dei de cara com um ponto talhado para o indeterminado: a distância entre o sujeito e o verbo. Enquanto o sujeito “rétchi” (“discursos”) está no início, o verbo “podéistvovali” (“influenciaram”) encontra-se no final. Para contornar tal distância, olhei ao meu redor, pensativo, e se me ocorreu a ideia de reciclar aqueles seixos deixados ao longo do caminho: as reticências. Mesmo sendo pedras, não estavam ali para me atrapalhar, mas sim – como me lembrei de um dos primeiros conselhos da Denise – para me indicar palavras ou frases que nem a Elena nem o Aleksandr, os cartógrafos que decodificaram os escritos da Sônia, conseguiram solucionar. Então, readaptando a sua função original ao meu proveito, cravei novas reticências antes do verbo “podéistvovali” e acrescentei a elas o pronome pessoal “eles”. A partir dessa alteração, não só encurtei a distância sujeito-verbo, mas também ocultei quem manipulou a filha da personagem-narradora: foi o monge bom de bico com os seus discursos constantes? Foram os sectários de antes que a constrangeram a crer como eles? Fincado o indeterminado, continuei o meu passeio, sossegado.

Figura 10 – Sétimo trecho do conto do caderno de 189 páginas



Fonte: Própria

Quadro 7 – Transcrição, transliteração e tradução do sétimo trecho do conto

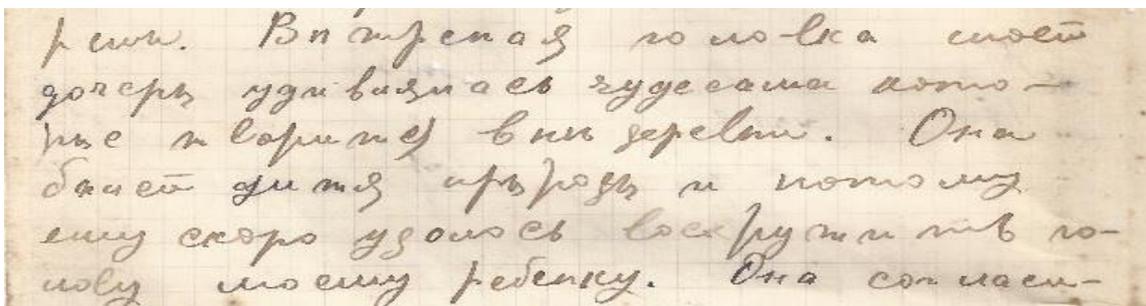
Transcrição do russo	Transliteração	Tradução em português
что если она будет послушной служительницей, то ее произведут в... сделают матерью над всеми молящимися.	chto éslí oná búdet posluchnói slujítel'nisei, to eió proizvedút v... sdélaiut máter'iu nad vsémi moliáchtchimisía.	que se ela for uma serva obediente, vão agraciá-la... que vão torná-la mãe acima de todos que rezam.

Fonte: Própria

Terminado o passeio, acelerei o passo e explorei o novo trecho. Ao chegar ao meio do caminho, o que mais me interromperia senão uma pedra? Novamente, foi um verbo que embarçou o avanço: “proizvedút”. À minha ignorância semântica, acudiu o *Wiktionary*, oferecendo-me as seguintes soluções: “executar”, “dar à luz”, “produzir”, “promover” e “causar”. Não obstante, quando ligava o início – “chto éslí oná búdet posluchnói slujítel'nisei” (traduzido como “que se ela for uma serva obediente”) – ao meio – “to eió proizvedút v” –, todas dissonavam: “vão executá-la”, “vão dá-lhe à luz”, “vão produzi-la”, “vão promovê-la” e “vão causá-la”. A primeira insinuava que a morte sucedia à obediência; a segunda, que a filha da personagem-narradora se renovaria; a terceira, que a sua subserviência a coisificaria; a quarta, que se destacaria dentro da comunidade; e a quinta, que ela viraria parte de uma causa. Incomodado com tais soluções, resolvi tomar o caminho ainda não trilhado: o de acessar a página russa do *Wiktionary* à procura de significados que se assemelhassem com o meu. Ao fazê-lo, deparei-me com um que se encaixava com o que precisava: “conferir”. Esse significado, no entanto, pedia a preposição “v” como complemento, e eu, crente de que não havia nenhuma preposição acompanhando o meu “proizvedút”, abaixei a cabeça em derrota. Foi aí que, ao retornar aonde estava a pedra, presenciei a preposição “v” ao lado dela. Assim, inseri “vão

conferi-lhe” para unir o início ao meio do trecho, mas ainda faltava o que seria conferido à filha. A resposta, para a minha surpresa, encontrava-se na próxima frase: “sdélaiut máter’iu nad vsémi moliáchtchimisía” (traduzido como “que vão torná-la mãe acima de todos que rezam”). Segundo o *Wiktionary*, o substantivo “máter” (“mãe”), quando se junta ao adjetivo “bójjia” (“divino”), significa “Virgem Maria”. E do que ela é cheia? De graça! Por isso, combinei “conferir-lhe” com “graça” e cheguei à harmoniosa “agraciá-la”. Satisfeito com a solução, fui-me dali.

Figura 11 – Oitavo trecho do conto do caderno de 189 páginas



Fonte: Própria

Quadro 8 – Transcrição, transliteração e tradução do oitavo trecho do conto

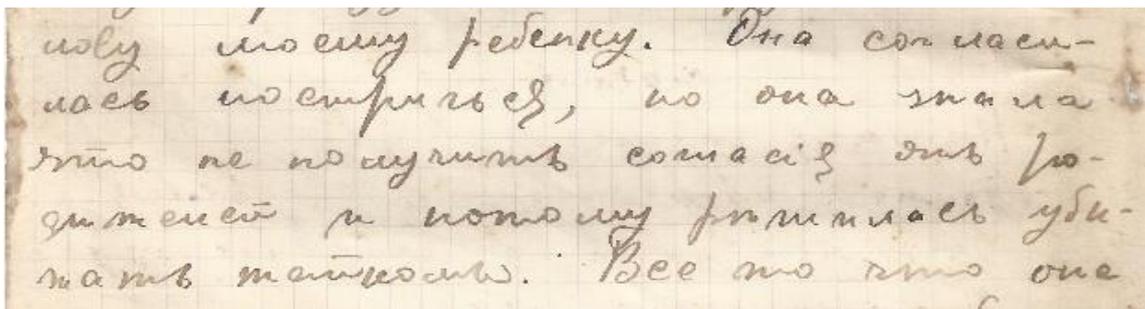
Transcrição do russo	Transliteração	Tradução em português
Ветренная головка моей дочери удивлялась чудесам, которые творятся в их деревне. Она... дитя природы и потому ему удалось вскоре вскружить голову моему ребенку.	Vétrennaia golóvka moéi dótcheri udivliálas' tchudesám, kotórye tvoriátsia v ih derévne. Oná... ditiá príródý i potomú emú udalós' vskóre vskrujít' golovú moemú rebiónku.	A cabeça de vento da minha filha se maravilhava com os milagres que vinham acontecendo na aldeia. Ela... ela é criança da natureza, e, por causa disso, o monge foi feliz e fez a cabeça dela sem demora.

Fonte: Própria

Enquanto saía do trecho anterior, vislumbrei uma frondosa floresta adiante. Na entrada, germinava um conjunto de flores que, apesar de jamais as ter visto antes, lembrava-me de casa: “Vétrennaia golóvka”. De tão familiares, dispensavam a consulta ao *Wiktionary*. A primeira, “Vétrennaia”, provém do substantivo “véter” (“vento”) mais o sufixo formador de adjetivos “naia”; a segunda, “golóvka”, do substantivo “golová” (“cabeça”) mais o sufixo diminutivo “ka”. Juntando-as, formavam a expressão “cabecinha ventosa”, coroada – aqui – pelo adjunto

adnominal “moéi dótcheri” (“da minha filha”). Ela, no entanto, não combinava com a minha caminhada em português; era demasiada russa. Por isso, pudei-a à brasileira: “A cabeça de vento da minha filha”. Mais para a frente, brotou outra expressão com “cabeça” que à primeira vista parecia inédita: “vskrujít’ golovú moemú rebiónku”. Por desconhecer o verbo “vskrujít’”, urgia a consulta ao *Wiktionary*. Segundo ele, esse verbo significa “girar”, “rodar”, “circular” ou “vaguar”, mas, quando acompanhado de “komú nibud’ golovú” (“a cabeça de alguém”), adquire o significado de convencer ou persuadir alguém. Foi aí que percebi que a expressão até então desconhecida era, na verdade, tão familiar quanto a anterior; tratava-se da brasileiríssima “fazer a cabeça de alguém”. Assim, em vez de preservar a vegetação local com a expressão “girou a cabeça dela”, segui domesticando a floresta: “fez a cabeça dela”. Tendo tesourado o bastante, despedi-me da floresta.

Figura 12 – Nono trecho do conto do caderno de 189 páginas



Fonte: Própria

Quadro 9 – Transcrição, transliteração e tradução do nono trecho do conto

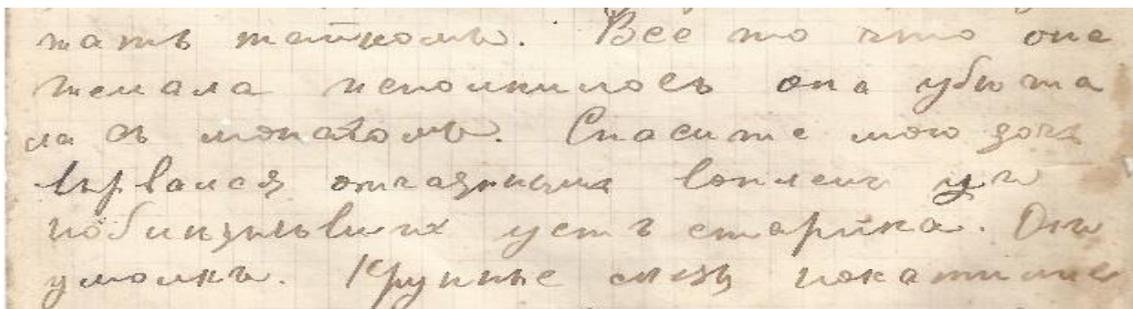
Transcrição do russo	Transliteração	Tradução em português
Она согласилась постричься, но она знала, что не получить согласия от родителей и потому решила убежать тайком.	Oná soglasílas' postrítch'sia, no oná znála, chto ne polutchít' soglasíia ot rodítelei i potomú rechílas' ubeját' taikóm.	Ela aquiesceu à tonsura, mas sabia que não receberia o consentimento dos pais e resolveu, então, fugir às escondidas.

Fonte: Própria

Começando a sentir o desgaste físico e emocional da caminhada, precisava achar um local onde pudesse recompor as energias. Debaixo de umas árvores além da floresta, o sol não entrava e a temperatura era amena. Lá, armei a minha tenda. Sem a mochila nas costas, abri os braços, girei o corpo, alonguei as pernas e, pela primeira vez, apreciei o progresso que tinha

feito: pedras, pedras brilhantes, pedras pequenas, uma mata, um labirinto, um buraco, uma floresta. E, aos poucos, no branco dos meus olhos, uma luz se acendeu: a caminhada estava perto do fim; com este trecho, faltavam-me três para a completar. Atônito, arrumei as minhas tralhas e levantei acampamento. Num abrir e fechar de olhos, atravessei todo o trecho, prestes a passar ao penúltimo. Mas, antes de fazê-lo, lancei uma última mirada a tudo que fiz. Ao virar a cabeça, certo da impecabilidade do trecho recém-traduzido, defrontei-me com uma estrada desnivelada, uma parte mais alta que a outra. Perplexo, questionei-me onde havia errado, onde que a maldita estrada começava a tender para um lado. E, assim que a raiva se dissipou, segui o desnivelamento até a sua origem. Quando a alcancei, ali estava o verbo “polutchít”. O seu significado, após a conferência do *Wiktionary*, é “receber”, e o seu aspecto, o perfectivo, o que indica que a ação de receber foi ou será bem sucedida. E eis de onde surge o dilema: o verbo, por estar no infinitivo, refere-se a uma ação no passado ou futuro? A princípio, balancei em determinar o seu tempo, mas, no final, apoiei-me no verbo no passado “znála” (“saber”) e cheguei a três possíveis soluções: “tenha recebido”, “recebera” e “obtivera”. Todas elas, no entanto, causavam aquela aberração geográfica. Por isso, sem soluções no horizonte, chamei a quem as teria, a Denise. Inteirando-se da gênese do desnivelamento, ela leu o trecho uma vez, releu-o de novo e proferiu: “O verbo ‘polutchít’, Gabriel, está subordinado ao verbo da oração principal ‘znála’. Por causa disso, ainda que não esteja conjugado – o que pode ser um deslize da autora –, ele concorda com o tempo do verbo da oração principal para definir o seu. Assim, como o verbo ‘znála’ está no passado, o verbo ‘polutchít’ vai obedecer a esse tempo, considerando também, é claro, o seu aspecto perfectivo. Daí, chega-se ao seguinte: ‘receberia’.” Boquiaberto, pensei sozinho: “Ah, então era a concordância temporal!” Agradecendo a Denise, apaguei as soluções iniciais e introduzi a nova. Tão logo a pus, a terra começou a tremer, e a estrada aplainou.

Figura 13 – Décimo trecho do conto do caderno de 189 páginas



Fonte: Própria

Quadro 10 – Transcrição, transliteração e tradução do décimo trecho do conto

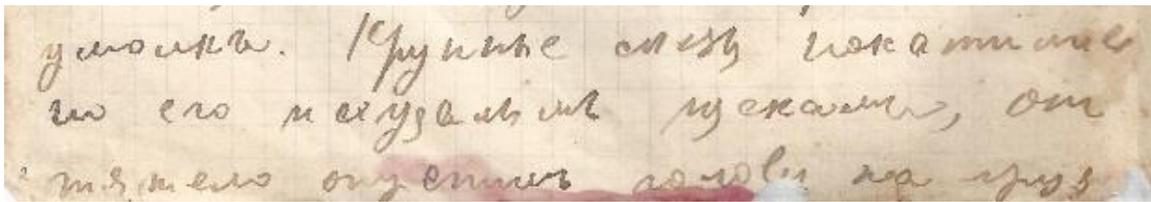
Transcrição do russo	Transliteração	Tradução em português
Все то, что она исполнилось, она убежала с монахом. Спасите мою дочь вырвался отчаянный вопль из побледневших уст старика. Он умолк.	Vse to, chto oná ispólnilos', oná ubejála s monáhom. Spasíte moiú doch' vyrválsia ottcháiannyi vopl' iz poblednévchih ust staríka. On umólk.	Tudo que ela desejava se tornou realidade: ela fugiu com o monge. “Salvem a minha filha dos lábios pálidos daquele velho!” escapou um grito de desespero. Ele se calou.

Fonte: Própria

“É isso,” falei sozinho, “só mais dois trechos.” Com a bússola na mão, o ponteiro se revolia como se, de tanto a explorar, nem conseguisse apontar aonde mudanças me esperavam. Animado pelo que estava por vir, endireitei as costas, limpei os óculos e comecei a varrer o caminho. Ao contrário do anterior, este seria devidamente vasculhado para prevenir quaisquer deformações geográficas. Nos primeiros passos, porém, pouco me entretive; além de uma singela troca de vírgula por dois-pontos, a minha expectativa não se cumpriu. Decepcionado, estava a ponto de pôr em xeque a credibilidade da bússola tradutória quando ela, de dentro do meu bolso, tornou a me puxar avante, em direção ao não sei o quê. Aonde quer que me estivesse levando, algo grande me esperava. E no lugar de conter tal impulso, deixei-me o levar. Quando, enfim, chegamos, paramos diante do verbo “Spasíte”. Invocando o *Wiktionary*, descobri que ele significa “salvar”. Ao seu lado, estava quem era salva: “moiú doch” (“a minha filha”). Baseando-me nesses dois elementos, fui atrás daquele que, no meu raciocínio, viria em seguida: o apuro do qual a filha havia de ser salva. “Ora, como a personagem-narradora já revelara que a sua filha havia desaparecido e, depois de cooptada, fugido com o tal do monge, nada mais natural que – agora – ela enfrentasse o raptor cara a cara e lhe extravasasse as suas mágoas,” matutei. Por isso, apesar da distância, conectei o verbo “Spasíte” com a preposição “iz” (a qual indicaria o apuro em que a filha se encontrava) e obtive “Salvem a minha filha da boca pálida/lábios pálidos daquele velho” (a palavra “ust”, arcaica e literária, pode significar tanto “boca” quanto “lábios”). Quanto ao resto – “vyrválsia ottcháiannyi vopl” (“escapou um grito de desespero”) –, presumi que o grito (“vopl”) só poderia vir de quem clama pelo socorro da filha: a personagem-narradora. Assim, reorganizando a ordem dos elementos, cheguei à seguinte solução: “‘Salvem a minha filha dos lábios pálidos daquele velho!’ escapou um grito de desespero.” Ao fazer isso, mudei não só a ordem como também o sentido do trecho. Sem a minha alteração, a preposição “iz” não serviria de complemento do verbo “Spasíte”, mas sim

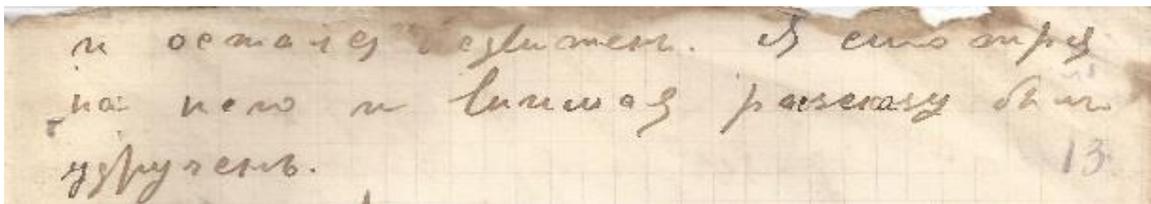
de adjunto adnominal do substantivo “vopl”, o que levaria ao seguinte: “‘Salvem a minha filha!’ escapou um grito de desespero dos lábios pálidos do velho.” Portanto, a partir dessa alteração, escamoteei os lábios de quem grita. Ainda que as duas soluções revelem que o grito sai dos lábios da personagem-narradora, somente a segunda sugere o seu sexo. Na minha mente, então, aventou a seguinte questão: por que, entre tantas coisas, a bússola me guiou à indeterminação de tal fato? A resposta a essa pergunta encontrei no próximo trecho, no final.

Figura 14 – Parte um do décimo primeiro trecho do conto do caderno de 189 páginas



Fonte: Própria

Figura 15 – Parte dois do décimo primeiro trecho do conto do caderno de 189 páginas



Fonte: Própria

Quadro 11 – Transcrição, transliteração e tradução do décimo primeiro trecho do conto

Transcrição do russo	Transliteração	Tradução em português
Крупные слезы покатились по его исхудалым щекам, он тяжело опустил голову на грудь и остался недвижим. Я смотрел на него и внимая рассказу был удручен.	Krúpnye slezý pokatilis' po egó iskhudálym chtchékam, on tiajeló opústil golovú na grud' i ostálsia nedvíjim. Ia smotrél na negó i vni máia rasskázu byl udrúтчion.	Lágrimas grossas escorreram pelas suas finas bochechas; ele, pesadamente, abaixou a cabeça até o peito e permaneceu imóvel. Olhava-o, examinando a história, sem ânimo.

Fonte: Própria

Apertando o passo, fui aonde ela me aguardava. Na minha frente, a última frase: “Ia smotrél na negó i vni máia rasskázu byl udrúтчion.” Com o coração a mil, traduzi-a palavra por palavra. Eu. Olhava... para ele. Olhava-o. E. Examinando. A história. Estava. Abatido. Com a machete na mão, aparei as arestas: “Olhava-o, examinando a história, abatido.” E ali estava o

porquê da indeterminação do sexo: a personagem-narradora era ele, o pai da filha. Se a segunda solução do trecho anterior já dava tais indícios, a frase recém-traduzida veio confirmar essa hipótese. O verbo “smotrél” e o particípio “udrúchion”, ambos terminados em desinências masculinas, referem-se ao sujeito “Ia” e concordam, portanto, com o seu gênero. É esse “Ia” que sofre ao descobrir que, sob a cama da filha, não há nada; que sofre ao vasculhar a aldeia e confirmar, desolado, o seu sumiço; que sofre ao ouvir que ela se vai com um monge; que sofre ao saber que a perde para a religião. É o pai, a personagem-narradora, que sofre tudo isso. Mas por que a bússola me guiou, então, a ocultar esse amor paternal? Questionando-me, retornei ao início de tudo, antes da empreitada tradutória sequer existir, quando as minhas primas me apresentaram os escritos. Naquele momento, ao tocar e sentir que eles pertenciam a Sônia, atribuí a ela o papel de autora, de protagonista daquela(s) memória(s). E, sem perceber, comecei a misturar esses dois conceitos: a Sônia passou de autora à protagonista dos escritos. Ela era tanto quem os escreveu quanto quem os sofreu. Por isso, quando me vi diante da cama vazia da filha da personagem-narradora, cri que era a cama da filha da Sônia e, quando o meu pai me revelou que a bisa – antes de ter a minha avó e as minhas duas tias-avós brasileiras – teve uma filha, a Bella, que nasceu e morreu na Rússia, convenci-me de que, sim, sem dúvida, era a cama da sua filha. O conto, então, era sobre o desaparecimento, a conversão e a fuga da primeira filha da Sônia, a Bella. De tão convicto disso, entendi que ao verbo “smotrél” e ao particípio “udrúchion” faltava um “a” para concordar com o gênero da personagem-narradora, a Sônia, o que me levou à seguinte tradução: “Olhava-o, examinando a história, abatida.” Mesmo assim, embora estivesse certo de que o conto era uma extensão da realidade da Sônia, resolvi fuxicar o passado da família para corroborar a minha convicção. Então, comecei com quem estava mais perto, o meu pai. À indagação sobre a Bella, retorquiu que pouco sabia senão o seu nascimento na Rússia e a sua morte precoce, arrematando que a família evitava tocar nesse assunto. Falando sobre esse tabu familiar, ele acabou se lembrando de um álbum de fotos antigo da família, e, nele, havia a foto dela, da Bella.

Figura 16 – Bella bebê



Fonte: Imagem cedida por Mendél Wainstein

Analisando-a, notei que, no canto inferior esquerdo, havia um símbolo com os dizeres “Foto Brasil-Porto Alegre”. Intrigado, questionei-lhe se ela não tinha vindo ao Brasil. Ele, refletindo, acabou por dar de ombros; não sabia. No final, aconselhou-me a entrar em contato com a filha do Bernard, a Helen. “É a parente que pode falar com mais propriedade sobre a família.” Seguindo o seu conselho, fui atrás dela. Em um e-mail repleto de perguntas sobre os nossos antepassados, inquiri o que sabia da parte brasileira. Surpresa, respondeu-me que tão-somente sabia que a Fanny e a Sônia navegaram da Antuérpia ao Rio de Janeiro e que “achava que [eu, Gabriel,] soubesse mais disso.” Frustrado, e sem parentes com quem consultar, tentei contentar-me com o que tinha, a minha convicção, mas – em um lapso de incerteza – inquiri o *Google*. Pesquisei, então, o nome da bisavó e o seu sobrenome de casada, Wasserstein. Fiz clique, e eis o primeiro resultado: “Bella Wasserstein - Historical records and family trees - MyHeritage”. Apasmado, acessei-o. Entre os dados, estavam a data de nascimento e a de morte da Bella: 1932 e 1935. Ela, portanto, viveu somente três anos. Diante da descoberta que punha a minha interpretação em risco, contestei a sua veracidade e procurei quem a registrou para refutá-la. Dei mais alguns cliques e achei um tal de Márcio Nurkin, nome que não me soava estranho. “Conhece esse cara? perguntei ao meu pai. “Quem? O Márcio?! Ele é meu primo-irmão! Quando a gente ia na bisavó, a gente dormia no mesmo quarto. Tu quer falar com ele?” Anotei o contato, digitei a mensagem, apertei o *enter* e esperei a resposta. Poucas horas depois, recebi-a: “Então, como desde pequeno fui muito interessado na história da família, sempre procurei me informar o máximo que dava. Mas, enfim, a Sônia e a Fanny saíram da Europa em

junho de 1929, saíram da Antuérpia e atracaram no Rio. Passaram por quarentena e tal... Quem financiou a viagem foi a família Fridman, que também lhes concedeu moradia no porão da casa deles em Poa. Elas conheceram os maridos aqui, incluindo o meu avô – e o teu bisavô – Mendel Wasserstein. Entre 31 e 33, tiveram a Bella, que faleceu de difteria com 3 anos.” Com apenas uma mensagem, tudo que havia tomado como certo foi derrubado: não, a Sônia não teve uma filha que nasceu na Rússia. Não, a Sônia não teve uma filha que morreu na Rússia. E não, a Sônia não teve uma filha que desapareceu de uma aldeia, converteu-se em uma religiosa fervorosa e fugiu com um monge sem a permissão dos pais. A Sônia teve uma filha que nasceu e morreu no Brasil. A Sônia teve uma filha que morreu de difteria aos 3 anos de idade. A Sônia perdeu uma filha. A Sônia... a Sônia sofreu, assim como o pai do conto sofreu. E, nessa convergência de caminhos de sofrimento, o do pai e o da Sônia, vi uma brecha não só para eternizar a dor deles, mas também para criar a partir da minha bússola tradutória. A minha solução, então, foi esta: “Olhava-o, examinando a história, sem ânimo.” O conto, portanto, caiu no indeterminado e se engrandeceu com os novos caminhos que imperam nesse reino. Ao escrever o ponto final, mirei para trás. Rememorei cada trecho, cada palavra, e abri um sorriso, contente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Terminada a caminhada⁹, dei um suspiro de alívio. Aos poucos, uma sensação de satisfação se apossou do meu corpo. Agora, depois de muita pernada, tendo passado pelo planejamento, pela largada e pela chegada, a empreitada tradutória à qual me propus em dois de março deste ano chegou à reta final. Entre o início e o fim, foram nove meses de labuta, quatro tentativas de tradução e um sem-fim de sofrimento, tanto o da Sônia quanto o meu. Da parte dela, a perda da filha; da minha, a caminhada pelo diferente. Diferente porque, antes desta empreitada, jamais havia traduzido do russo. E, enquanto aquele meu colega do semestre passado punha em dúvida a execução e até mesmo a validade do que eu pretendia fazer, lancei-me na aventura.

Ao longo dela, abundaram obstáculos não só do processo tradutório, mas também do reflexivo, desde em quem me basearia, atravessando a história da bisa e dos seus escritos, até o tipo de tradução comentada que elegeria. Diante de tantos – ao invés de decretar a derrota iminente –, vali-me deles para arquitetar a minha metáfora-mor, a metáfora do caminho. Foi a partir dela que os transpus. Ela aparece já no início quando os portões que me impediam de traçá-lo se abrem e os entulhos que o cobriam se esvaem, permitindo a minha entrada; quando eu, prestes a tomá-lo, careço de um mapa para me localizar, originando o primeiro esboço da minha empreitada tradutória; quando eu, insatisfeito com esse primeiro esboço – que contemplava caminhos por que não queria caminhar –, desvio da rota original em direção ao caminho desejado, ao da tradução; quando, na ausência de tradutores-guias que me servissem como pedra de toque, avultam Ezra Pound e o seu *Cathay* e Haroldo de Campos e o seu *A Sierguéi Iessiênin*, mostrando-me como aqueles que já percorreram caminhos semelhantes ao meu contornaram as suas deficiências linguísticas por meio do conhecimento tradutório, o poético e o artístico; quando eu, precisando explicar quem é a autora dos escritos e o que ela nos deixou, trago um recorte que inicia com as minhas memórias, avança pelas do meu pai e da minha família e termina com o agora, com a empreitada tradutória, revelando-me detalhes que me auxiliariam com soluções e se tornariam nos pontos cardeais da minha bússola tradutória – a indeterminação e as tendências literárias da bisa –; quando eu, incerto sobre o modelo de tradução comentada que escolheria, revisito *O texto como produção (Maiokóvsky)*, de Haroldo de Campos, possibilitando-me voltar atrás, inspirar-me na sua análise pormenorizada e criar comentários de cada trecho do conto a partir de notas reunidas ao longo do processo tradutório; quando, ao longo da minha caminhada tradutória, assomam pedras, pedras brilhantes, pedras

⁹ No APÊNDICE B, encontra-se a tradução do conto; no ANEXO A, o conto da Sônia.

pequenas, uma mata, um labirinto, um buraco, uma floresta e um desnivelamento; formando novas metáforas que simbolizam os obstáculos linguísticos que enfrentei com a ajuda da minha orientadora, a Denise, do utilíssimo companheiro *Wiktionary*, do guia de referência *Fale Tudo em Russo*, de Ekaterina Vólkova Américo e Gláucia Roberta Rocha Fernandes, e do elucidativo site *AlphaDictionary*, de George Beard.

E ela – a metáfora do caminho – aparece agora no fim, no fim da minha empreitada tradutória.

REFERÊNCIAS

- AMÉRICO, Ekaterina Vólkova; FERNANDES, Gláucia Roberta Rocha. *Fale Tudo em Russo!* Barueri: Disal, 2013.
- BARTHES, Roland. A morte do autor. In: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Tradução de Mário Laranjeira. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. pp. 57-64.
- BASILASHVILI, Khatuna. Ezra Pound – Translator of Chinese Poetry. *Spekali*, Tbilisi, v. 12, n. 15, jun. 2018. Disponível em: <<http://www.spekali.tsu.ge/index.php/en/article/viewArticle/12/116>>. Acesso em: 29 nov. 2018. Documento não paginado.
- BEARD, Robert. The Fundamentals of Verbal Aspect. *AlphaDictionary*, [201-]. Disponível em: <<https://www.alphadictionary.com/rusgrammar/aspect.html>>. Acesso em: 29 nov. 2018.
- BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Euripedes Franklin. *Noções de paleografia e de diplomática*. Santa Maria: Editora Ufsm, 2008. Disponível em: <<https://bit.ly/2KoXWAU1>>. Acesso em: 26 jun. 2018.
- CAMPOS, Haroldo de. O texto como produção (Maiakóvski). In: CAMPOS, Haroldo de. *A ReOperação do Texto*. São Paulo: Perspectiva, 2013. p. 47-94.
- CORRÊA, Elisa Figueira de Souza. SOBRE A NECESSIDADE DA TRADUÇÃO PEDAGÓGICA NA AULA DE LÍNGUA NÃO MATERNA: QUINTA HABILIDADE E MACROESTRATÉGIAS. *Revista de Letras*, Fortaleza, v. 2, n. 33, jan. 2016. ISSN 2358-4793. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2133/1609>>. Acesso em: 29 nov. 2018.
- GANZ, Yaffa. *Sand and Stars: The Jewish Journey Through Time*. New York: Shar Press, 2002.
- GOOGLE TRADUTOR. [Mountain View, CA: Google, 2006]. Tradução automática. Disponível em: <<https://translate.google.com.br/>>. Acesso: 03 dez. 2018.
- MILTON, John. *Tradução: Teoria e Prática*. São Paulo: Martin Fontes, 1998.
- MONTAIGNE, Michel de. *Os ensaios*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- MORAES, Eduardo Cardoso de. *Reflexões sobre a transliteração russo–português à luz da linguística saussuriana*. 2016. 46 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=001019047&loc=2017&l=dbf76f36461e8a58>>. Acesso em: 1 dez. 2018.

- NORD, Christiane. Loyalty and fidelity in specialized translation. *Confluências*, Lisboa, n. 4, p. 29-42, maio. 2006.
- SCHNAIDERMAN, Boris. Haroldo de campos e a transcrição da poesia russa moderna. *Fragmentos: Revista de Língua e Literatura Estrangeiras*, Florianópolis, v. 4, n. 2, jan. 1994. ISSN 2175-7992. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/2154>>. Acesso em: 29 nov. 2018.
- WIKTIONARY: the free dictionary. [Los Angeles, CA: Wikimedia Foundation, 2002]. Dicionário eletrônico. Disponível em: <<https://www.wiktionary.org/>>. Acesso: 03 dez. 2018.
- XIE, Ming. Pound as translator. In: NADEL, Ira Bruce (Ed.). *The Cambridge Companion to Ezra Pound*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 204-223.
- ZAVAGLIA, Adriana; RENARD, Carla M. C.; JANCZUR, Christine. A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S.l.], v. 25, n. 2, p. 331-352, dez. 2015. ISSN 2317-2096. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/8755/8639>>. Acesso em: 29 nov. 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.17851/2317-2096.25.2.331-352>.

APÊNDICE A – Notas do processo tradutório

Nota 1 sobre “Представьте” (“Predstáv'te”) elaborada às 15:49 no dia 12 de agosto – “No sentido de imaginar; tive que usar o dicionário porque nunca havia visto essa palavra antes. Tem vários sentidos, mas o que melhor se encaixa nesta parte é o de imaginar, como se estivesse falando comigo.”

Nota 2 sobre “пустой” (“pustói”) elaborada às 16:00 no dia 12 de agosto – “Aqui temos o adjetivo ‘vazio’. Por entender que a Sônia tinha possíveis aspirações literárias, alterei a frase com o intuito de torná-la mais intensa; em vez de pôr que a cama estava vazia, pus que, sobre a cama, havia nada, o que, aos meus ouvidos, soa mais aterrador, contribuindo pra climatização do momento. Ao mesmo tempo, trouxe um novo matiz com a preposição ‘sobre’, pois cria uma indeterminação se se trata da cama ou da filha, como se a mãe não soubesse nada da filha.”

Nota 3 sobre “обыскана” (“obýskana”) elaborada às 16:20 no dia 12 de agosto e respondida às 16:42 no dia 26 de agosto – “Não achei uma definição conclusiva; me parece que é algo relacionado a ‘procurar’.” “Depois do encontro com a Denise, ela me confirmou que o sentido da palavra é realmente relacionado a ‘procurar’; porém, trata-se de um particípio adjetival passivo, que nome! Por desconhecer o que é, resolvi checar o livro de referência gramatical *Fale Tudo em Russo!* junto com o site *AlphaDictionary* para entendê-lo. Ao que tudo indica, a palavra ‘obýskana’, além de ter aquele nome grandão acima, está na forma curta. Sim! existe a forma curta no russo, pela qual os adjetivos e particípios passivos, quando não são seguidos de substantivo, reduzem-se. Por isso, tiramos ‘obýskana’ de ‘obýskanaia’. Mas, espera lá! ainda tem mais: a sugestão da Denise, procurei o sentido do prefixo ‘ob’, pois provavelmente me facilitaria a compreensão do significado da palavra ‘obýskana’, o que, de fato, aconteceu. De acordo com a fonte pesquisada, o bendito *Wiktionary*, o prefixo ‘ob’ pode representar a ideia de completamente, ideia essa que vai ao encontro da palavra em questão. Assim sendo, mudei a minha 1ª escolha ‘em busca dela’ para ‘vasculhada’. Mesmo assim, acredito que ambas funcionem, com matizes sutis, mas, como o objetivo deste trabalho é aprender a partir da tradução, e, portanto, a partir do diálogo com a Denise, decidi alterar a minha escolha para dar lugar ao desconhecido para que ele se tornasse, então, conhecido.

Nota 4 sobre “исчезла” (“istchézla”) elaborada às 16:21 no dia 12 de agosto – “Quer dizer ‘desaparecer’, mas por efeitos estéticos fui com ‘foi-se’, o que cria outro jogo de palavras: ela se foi, morreu? Ou se foi daqui a outro lugar?”

Nota 5 sobre “у соседей” (“u sosédei”) elaborada às 17:35 no dia 26 de agosto e respondida às 13:18 no dia 3 de setembro e às 13:06 no dia 14 de setembro – “Me lembro de a

Denise comentar que aqui havia um sentido diferente do da minha tradução. Tenho que perguntá-lho a ela!” “É ‘aos vizinhos’!!!” “Depois de me encontrar com a Denise, ela me explicou que a palavra ‘rassprósy’, à diferença das línguas que conheço, pede uma regência diferente: em vez de aparecer a palavra ‘vizinhos’ no dativo, usa-se a preposição ‘u’ mais o substantivo no genitivo.”

Nota 6 sobre “сочувственно” e “несчастью” (“sotchúvstvenno” e “nestchást’iu”) elaborada às 14:49 no dia 14 de agosto e às 14:59 no dia 14 de agosto – “Vi no *Wiktionary* que [‘sotchúvstvenno’] significa algo ‘com compaixão’, ‘compadecer-se por alguém’.” “Num primeiro momento, [‘nestchást’iu’] me pareceu uma palavra desconhecida, mas, lançando-a no dicionário, notei que é a junção da partícula negativa ‘ne’ com ‘tchást’ie’ que forma a palavra “infelicidade”. Porém, após pôr o original no *Google Tradutor*, percebi que ‘infortúnio’, como algo ruim que caiu sobre eles, seria mais adequado.”

Nota 7 sobre “Вдруг я вижу ко мне навстречу несетя подруга моей дочери, запыхавшись и что рассказывает мне следующую историю.” (“Vdrúg ia víju ko mne navstréchu nesiótsia podrúga moéi dócheri, zapykhávshis’ i chto rasskázuyaet mne sléduiuchtchuiu istóriiu.”) elaborada às 12:47 no dia 17 de agosto e respondida às 19:05 no dia 26 de agosto – “Este trecho foi o que me deu mais dor de cabeça até agora. Primeiro, tinha pensando em seguir a ordem do original, mas, como não estou habituado à ordem sintática russa, surgiam obstáculos para compreender o conteúdo desta parte. Segundo, não sabia o que diabos significava a terminação da palavra ‘zapykhávshis’ e não entendia a sua função na frase. Agora, sabendo que seguir a ordem do original pode pôr mais estorvos no caminho da compreensão e que há gerúndio nesta parte, parece-me mais tranquilo contornar esses desafios. A minha primeira solução, antes de descobrir a função do gerúndio, estava se encaminhando nesta direção: ‘Vejo OU avisto de supetão, disparando na minha direção, a amiga da minha filha’.” “Ao notar este ‘chto’, a Denise comentou que existe a possibilidade de a Sônia, na hora de escrever o diário, ter o colocado e esquecido que estava ali. Isso gera uma pergunta: há construções sintáticas que não fazem sentido pela inserção ou exclusão de certos elementos frasais? Talvez, e é bem provável que, a Sônia não revisou o diário.”

Nota 8 sobre “поселился” (“poselílsia”) elaborada às 15:13 no dia 17 de agosto e respondida às 15:40 no dia 17 de agosto – “Jogando esta frase no *Google Tradutor*, o verbo [‘poselílsia’] aparece com o sentido de finalidade, que o monge chegou para ficar com eles. Como não entendo por que teria esse sentido, deixarei esta parte em aberto para conversar com a Denise.” “Depois de revisar a parte gramatical de quando se usam verbos perfectivos e imperfectivos, me toquei que, ahá! os primeiros enfatizam o sentido de finalidade, de resultado,

à semelhança com o verbo que vem depois [‘popála’] neste trecho. Curiosamente, quando traduzi esse segundo verbo, não titubeei em pôr a preposição ‘para’ a fim de demonstrar finalidade, mas, com este verbo, não soube o que fazer, vai saber o que passou nesta cachola.”

Nota 9 sobre “eles” elaborada às 18:48 no dia 27 de agosto – “Aqui, adicionei o pronome “eles” porque não só facilita a leitura ao remeter ao que veio antes por meio de uma anáfora, mas também, na esteira do que vinha fazendo, indetermina quem ou o que são eles: são pessoas ou discursos?”

Nota 10 sobre “произведут” (“proizvedút”) elaborada às 18:54 no dia 27 de agosto e respondida às 19:28 no dia 27 de agosto – “Não entendi o que este verbo quer dizer neste contexto. Vi que pode significar “dar luz a um bebê”, o que me parece ser uma solução plausível. Além disso, aponto que tem aparecido com frequência a conjunção ‘to’ em estruturas de inferência como ‘se eu faço isso, isto ocorre’.” “Após ver exemplos no *Wiktionary* russo, percebi que a minha primeira suposição de que o verbo ‘proizvestí’ estava sendo usado no sentido de dar luz a um bebê era equivocada. Na verdade, o sentido de que algo de valor é conferido à filha se encaixa bem melhor neste contexto, o que me levou a usar a palavra ‘agraciar’, a qual, por sua vez, pode desembocar em dois caminhos: tanto perdão quanto honra à filha.”

Nota 11 sobre “Ветренная головка” e “вскружить голову моему ребенку” (“Vétrennaia golóvka” e “vskrujít golovú moemú rebiónku”) – elaborada às 11:02 no dia 28 de agosto e às 20:37 no dia 30 de agosto – “Notei que conhecia o adjetivo ‘Vétrennaia’ porque provém do substantivo ‘véter’. Quanto à palavra ‘golóvka’, a reconheci pela raiz ‘goló’, mas optei por não acrescentar o diminutivo na minha tradução, pois me soaria estranho.” “Aqui foi o primeiro caso consciente no qual avistei uma expressão idiomática; vi, então, no dicionário que [‘vskrujít’] significa ‘mudar a opinião de alguém ao seu bel-prazer’, algo nessa linha. Entretanto, mesmo havendo várias possibilidades de tradução, como a que dei acima, resolvi manter, de qualquer jeito que fosse, a palavra ‘cabeça’. Mas por quê? Bem, analisando tudo que traduzi até agora, a Sônia menciona a tonsura, ritual pelo qual um se torna eclesiástico a partir de um corte de cabelo específico, e a cabeça de vento da filha dela, o que me leva a pensar que a referência à cabeça, seja lá de quem for, ou a do jovem que ingressará à Igreja ou a filha ingênua, é arbitrária. E por isso me esforcei a encontrar uma expressão que se encaixasse nesse critério cabeçal - ei-la: ‘fazer a cabeça de alguém’.”

Nota 12 sobre “получить” (“polutchít”) elaborada às 22:09 no dia 30 de agosto e respondida às 20:35 no dia 2 de novembro – “Não entendo por que este verbo não está conjugado, seria outra falta de revisão? Perguntarei a Denise.” “Acredito que somente com a

ajuda da Denise conseguiria desvendar este trecho. Mesmo não estando conjugado, o verbo ‘polutchít’ está subordinado ao verbo ‘znála’ e, por ser perfectivo, indica a ideia de conclusão. Por essas características, o que mais provavelmente viria depois de ‘sabia que’ seria um verbo no futuro do pretérito, não um passado composto ou pretérito mais que perfeito como havia proposto. Por isso, ‘receberia’.”

Nota 13 sobre “вырвался отчаянный вопль” (“vyrválsia ottcháiannyi vopl”) elaborada às 14:39 no dia 31 de agosto e respondida às 14:45 no dia 31 de agosto e às 21:03 no dia 2 de novembro – “Não consigo encaixar esta parte com o resto da frase. Sei que o verbo [‘vyrválsja’] conjuga com algo no masculino por causa da sua terminação, mas não entendo quem é o sujeito. Tenho que falar com a Denise.” “Jogando a frase no *Google Tradutor* e vendo o significado do verbo em questão, descobri que ‘vyrválsja’ pode ser usado como um verbo impessoal, mas isso só ocorre quando a terminação do passado é neutra, e neste caso não é. Seria um possível erro?” “Creio que a falta de vírgulas me dificultou a tradução desta parte. Mesmo dando-me mais liberdade, fiquei remordido em adicioná-las ou até mesmo interpretar que aqui havia vírgulas. A sugestão da Denise, pus-as, e ficou bem melhor.”

Nota 14 sobre “смотрел” (“smotrél”) elaborada às 17:31 no dia 31 de agosto e respondida às 17:35 no dia 31 de agosto e às 21:06 no dia 2 de novembro – “Quem é o sujeito deste verbo? Até agora, pensava que quem escrevia era a Sônia, mas falta a terminação feminina para confirmar essa suposição: será que ela se esqueceu de adicionar a terminação ou outra pessoa escreveu esta parte? Me inclino à primeira alternativa.” “Aliás, essa história só foi contada por causa da vinda inesperada da amiga da filha da Sônia.” “Erro o caralho: eu quem impus que é a Sônia a mãe dessa guria. Nada dentro do texto o confirma; na realidade, ele tende bem mais a uma figura paterna do que materna!”

APÊNDICE B – Tradução de Gabriel Iochpe Wainstein do conto de Sônia Wasserstein

Imaginem o meu horror quando me levanto cedo de manhã, me dirijo à cama da minha filha e, sobre ela, nada.

De pronto a aldeia foi vasculhada, mas a minha filha se foi.

Ao questionamento aos vizinhos, respondiam com acenos de cabeça, compadecendo-se do nosso infortúnio.

De repente avisto a amiga da minha filha correndo na minha direção, e, ofegante, me conta a seguinte história.

Um tal monge chegou aqui para se alojar com eles; daí a minha filha, visitante frequente que era, acabou por conhecê-lo.

Discursos constantes... sobre a tonsura, sobre a vida isolada... sobre a remissão de pecados, sobre o eterno acompanhamento...

Eles influenciaram, pelas rezas, a minha filha... que se ela for uma serva obediente, vão agraciá-la... que vão torná-la mãe acima de todos que rezam.

A cabeça de vento da minha filha se maravilhava com os milagres que vinham acontecendo na aldeia. Ela... ela é criança da natureza, e, por causa disso, o monge foi feliz e fez a cabeça dela sem demora.

Ela aquiesceu à tonsura, mas sabia que não receberia o consentimento dos pais e resolveu, então, fugir às escondidas.

Tudo que ela desejava se tornou realidade: ela fugiu com o monge.

“Salvem a minha filha dos lábios pálidos daquele velho!” escapou um grito de desespero.

Ele se calou. Lágrimas grossas escorreram pelas suas finas bochechas; ele, pesadamente, abaixou a cabeça até o peito e permaneceu imóvel.

Olhava-o, examinando a história, sem ânimo.

ANEXO A – Conto de Sônia Wasserstein

Представьте мой ужас, когда я утром рано встаю и направляюсь к кровати дочери она была пустой. Скоро деревня была обыскана, но моя дочь исчезла. На расспросы у соседей они отвечали кивками, и сочувственно отнеслись к нашему несчастью. Вдруг я вижу ко мне навстречу несетя подруга моей дочери, запыхавшись и что рассказывает мне следующую историю. Сюда приехал какой-то монах поселился у них, так моя дочь была частой посетительницей своей подруги, то попала в общество монаха. Постоянные речи... о пострижении о уединенной жизни... об отпущении грехов о вечном препровождении в молитвах подействовали на мою дочь... что если она будет послушной служительницей, то ее произведут в... сделают матерью над всеми молящимися. Ветреная головка моей дочери удивлялась чудесам, которые творятся в их деревне. Она... дитя природы и потому ему удалось вскоре вскружить голову моему ребенку. Она согласилась постричься, но она знала, что не получить согласия от родителей и потому решила убежать тайком. Все то, что она исполнилось, она убежала с монахом. Спасите мою дочь вырвался отчаянный вопль из побледневших уст старика. Он умолк. Крупные слезы покатались по его исхудалым щекам, он тяжело опустил голову на грудь и остался недвижим. Я смотрел на него и внимая рассказу был удручен.

ANEXO B – Tabela de Transliteração do Russo para o Português da USP

Alfabeto Russo	Transcrição para Registro Catalográfico ou Linguístico	Adaptação Fonética para nomes Próprios
А	A	A
Б	B	B
В	V	V
Г	G	G, Gu antes de e, i
Д	D	D
Е	E	E, Ié
Ё	Io	Io
Ж	J	J
З	Z	Z
И	I	I
Й	I	I
К	K	K
Л	L	L
М	M	M
Н	N	N
О	O	O
П	P	P
Р	R	R
С	S	S, SS (intervocálico)
Т	T	T
У	U	U
Ф	F	F
Х	Kh	Kh
Ц	Ts	Ts
Ч	Tch	Tch
Ш	Ch	Ch
Щ	Chth	Chth
Ъ	”	
Ы	Y	Y
Ь	,	
Э	Ê	Ê
Ю	Iu	Iu
Я	Ia	Ia

Fonte: Tabela Adaptada de MORAES (2016)